

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

www.cepea.esalq.usp.br/hortifruti



ANUÁRIO 2018 • 2019

UM PRESENTE PARA VOCÊ:
Hortifruti Brasil de cara nova!

Amistar[®] Top

O fungicida especialista em prevenir manchas e cuidar da saúde de suas frutas e vegetais.



- Duplamente sistêmico
- Controle superior com alta seletividade
- Registro para 29 frutas e vegetais

Informe-se sobre e realize o Manejo Integrado de Pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

ATENÇÃO Este produto é perigoso a saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO.



c.a.s.a.

0800 704 4304

www.portalsyngenta.com.br

Dr. Amistar Top



 **Amistar[®] Top**

syngenta.

hfbrasil.org.br



MARIANA COUTINHO SILVA
EDITORA DE MARKETING



FERNANDA GERALDINI PALMIERI
EDITORA ECONÔMICA DE FRUTAS



LUANA MARIA MARTINS GUERREIRO
ANALISTA DE MERCADO DE TOMATE

hfbrasil.org.br



MARINA MARANGON MOREIRA
EDITORA ECONÔMICA DE HORTALIÇAS



JOÃO PAULO BERNARDES DELEO
EDITOR ECONÔMICO DE HORTALIÇAS & GUSTO DE PRODUÇÃO

hfbrasil.org.br



ISABELA CAMARGO GONÇALVES
ANALISTA DE MERCADO DE ALFACE



hfbrasil.org.br



RODOLFO FERNANDES HACKMANN
ANALISTA DE MERCADO DE BANANA



LENISE ANDRESA MOLENA
ANALISTA DE MERCADO DE BATATA E TOMATE



ANA BEATRIZ DE SALLES ROSELINO
ANALISTA DE MERCADO DE UVA





HEITOR ARAÚJO CINTRA INACIO
ANALISTA DE MERCADO DE BATATA



hfbrasil.org.br



LALESKA ROSSI MODA
ANALISTA DE MERCADO DE MELANCIA



GABRIEL PACHECO DE CARVALHO OLIVEIRA
ANALISTA DE MERCADO DE MANGA



MARCELA GUASTALLI BARBIERI
EDITORA ECONÔMICA DE FRUTAS



ANDRÉA CIMINO GONZALEZ RODRIGUES
ANALISTA DE MERCADO DE CEBOLA



f hfbrasil.org.br

HORTIFRUTI BRASIL DE CARA NOVA!

— A equipe oferece a você —
um presente para 2019!



LAVÍNIA DA CUNHA CANTO MORAIS
ANALISTA DE MERCADO DE MAÇA



EDUARDA DA COSTA PINHEIRO
ANALISTA DE MERCADO DE CENOURA



MARIANE NOVAIS OLEGÁRIO DE SOUZA
ANALISTA DE MERCADO DE MELANCIA



MARGARETE BOTEON
COORDENADORA GERAL



GABRIEL CONEGLIAN BARBOSA
ANALISTA DE MERCADO DE MAMÃO



ANA RAQUEL MENDES
ANALISTA DE MERCADO DE MELÃO

hfbrasil.org.br

hfbrasil.org.br



DAIANA BRAGA
JORNALISTA



CAROLINE RIBEIRO
JORNALISTA E ANALISTA DE MERCADO DE CITROS



RENATO GARCIA RIBEIRO
EDITOR ECONÔMICO DE CAFÉ & CUSTO DE PRODUÇÃO

EXPEDIENTE

www.hfbrasil.org.br

COORDENADOR CIENTÍFICO

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

EDITORA CIENTÍFICA

Margarete Boteon

EDITORES ECONÔMICOS

João Paulo Bernardes Deleo, Fernanda Geraldini Palmieri, Marina Marangon Moreira e Marcela Guastalli Barbieri

DIRETORA FINANCEIRA

Margarete Boteon

EDITORA EXECUTIVA

Daiana Braga Mtb: 50.081

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Alessandra da Paz Mtb: 49.148

REVISÃO

Daiana Braga, Bruna Sampaio, Caroline Ribeiro, Nádia Zanirato e Flávia Gutierrez

EQUIPE TÉCNICA

Ana Beatriz de Salles Roselino, Ana Raquel Mendes, Andréa Cimino Gonzalez Rodrigues, Caroline Ribeiro, Eduarda da Costa Pinheiro, Gabriel Coneglian Barbosa, Gabriel Pacheco de Carvalho Oliveira, Heitor Araujo Cintra Inacio, Isabela Camargo Gonçalves, Laleska Rossi Moda, Lavinia da Cunha Canto Morais, Lenise Andresa Molena, Luana Maria Martins Guerreiro, Mariana Coutinho Silva, Mariane Novais Olegário de Souza e Rodolfo Fernandes Hackmann

APOIO

FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

LAYOUT

Equipe Comunicação Cepea

DIAGRAMAÇÃO ELETRÔNICA/CAPA

Guia Rio Claro.Com Ltda
enfaserioclaro@gmail.com

IMPRESSÃO

www.graficamundo.com.br

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA-Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP | ISSN: 1981-183

CONTATO:

Av. Centenário, 1080 | Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429-8808 | hfbrasil@cepea.org.br

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

ÍNDICE **21** CEBOLA

23 ALFACE

25 CENOURA

27 BATATA

29 TOMATE

31 CITROS

33 BANANA

35 MELANCIA

37 MAMÃO

39 UVA

41 MANGA

43 MAÇÃ

45 MELÃO



CAPA **12**

Além de apresentarmos a “nova cara” da revista, o Anuário 2018-2019 traz a retrospectiva de 2018 e as principais projeções para 2019 do mercado de frutas e hortaliças.

HF BRASIL NA REDE



Querendo maximizar sua produção?

Consulte o portfólio FMC para HF e vá além.

Inseticidas

Verimark®

inseticida
powered by
CYAZYPYR®
ingrediente ativo

Benevia®

inseticida
powered by
CYAZYPYR®
ingrediente ativo

Premio®

inseticida
powered by
RYNAXYPYR®
ingrediente ativo

Altacor®

inseticida
powered by
RYNAXYPYR®
ingrediente ativo

MUSTANG®
350 EC

Avatar®

TALSTAR®
100 EC

Fungicidas

Signal®

REGALIA MAXX®

Galben® M

ROVRAL

AUTHORITY

Impact®
125 SC

Nematicidas

QUARTZO

Rugby
nematicida/inseticida 200 CS

Nutrição

Seed+

Crop+

Herbicidas

AURORA®
400 EC

Protetor

BIFLEX
TREE BAGS

SEMEANDO E CULTIVANDO A VIDA, *Juntos*



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Siga as recomendações de controle e restrições estaduais para os alvos descritos na bula de cada produto. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Uso exclusivamente agrícola.

CONSULTE SEMPRE
UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.

FMC

RADAR HF

OS NÚMEROS DA HF BRASIL NA REDE EM 2018

Além de ter a maior tiragem da revista impressa no setor de frutas e hortaliças, os números da **Hortifruti Brasil** nas plataformas digitais só crescem! Confira abaixo nossa audiência nas plataformas digitais!



69 mil 

Acessos no site em novembro/18



114 mil

peças alcançadas no Facebook em novembro/18



9.200

curtidas no Facebook*

[f/Revista Hortifruti Brasil](#)



HF em Vídeo: Há espaço para exportarmos mais frutas à EU?

Hortifruti Brasil

99 visualizações



Hortifruti Brasil

21.633

Visualizações no canal do YouTube em 2018 (até novembro)

21.863

Acessos das notícias (somente as rastreadas) da HF Brasil via WhatsApp



A REVISTA ESTÁ DE CARA NOVA!



Equipe Comunicação/Cepea – Nádia Zanirato (esq.), Flávia Gutierrez, Alessandra da Paz e Bruna Sampaio

Neste Anuário 2018-2019 oferecemos um presente ao leitor: uma revista totalmente repaginada, com um novo layout, mais moderna e mais fácil de ler e que se estenderá nas próximas edições. Esse novo formato será todo adaptado para abastecer nossas plataformas digitais, como o site (hfbrasil.org.br) e o Facebook (@revistahortifrutibrasil). O Anuário também foi adaptado para WhatsApp, numa versão com infográficos.

O layout foi desenvolvido ao longo do segundo semestre de 2018 pela Equipe Comunicação do Cepea, composta por jornalistas que também desenvolvem projetos gráficos para o Centro de pesquisas. Essa “cara nova” foi elaborada para oferecer uma leitura mais leve e dinâmica para o leitor que está cada vez mais conectado com o mundo virtual, mas que ainda preza por folhear uma revista. Isso tudo sem deixar de transmitir ao setor as principais informações de frutas e hortaliças.

Nesta edição, a equipe recapitulou tudo

o que aconteceu no mercado em 2018 das 13 frutas e hortaliças que acompanhamos, com destaques sobre o que marcou cada mês deste ano. A equipe de analistas também fez uma análise com as perspectivas para 2019 nas Seções de cada uma das culturas. Na matéria de capa, mostramos que os indicadores econômicos esboçaram melhoras, sobretudo diante das apostas de uma economia mais positiva com a renovação do governo brasileiro.

Confira todas as novidades neste Anuário 2018-2019 e não deixe de compartilhar conosco sua opinião sobre o que achou da nova **Hortifruti Brasil!** Ela foi feita para você, então, sua opinião é importante para nós!

Todas essas mudanças foram realizadas graças aos nossos parceiros, que depositaram confiança em nosso trabalho por mais um ano, e aos nossos colaboradores, que contribuem com valiosas informações em prol ao desenvolvimento da hortifruticultura! Que em 2019 venham muito mais mudanças positivas para todos nós!

Frescor do
CAMPO À MESA



Conserve o melhor da colheita com nossas soluções em EPS (isopor®) para o agronegócio.

BENEFÍCIO PARA TODA CADEIA:

- ✓ Aumento do shelf-life
- ✓ Redução do desperdício
- ✓ Eficiência no transporte e armazenamento
- ✓ EPS (isopor®) 100% reciclável

Agende já uma visita com nossa equipe e surpreenda-se!

47 3451.2666

www.termotecnica.com.br

[/termotecnicaBR](https://www.facebook.com/termotecnicaBR)

AO LEITOR



Como o BR pode ser mais competitivo nas exportações de frutas?

Com certeza o Brasil pode exportar mais frutas, mas é preciso, antes, enfrentar a burocracia e transportes, visto que as estradas precárias dificultam o escoamento até os portos.

Gustavo Lima – Vitória da Conquista/BA

Em minha opinião, precisam-se de duas coisas para melhorar bastante nossa participação lá fora: acordo comerciais e novas variedades. Trabalho com manga e uva e faltam variedades com bom pós-colheita para atingir, por exemplo, o mercado asiático. No caso da manga, precisamos variedades resistentes à antracnose.

Eduardo Shoiti Nakahara – Petrolina/PE

É preciso maior controle fitossanitário e melhoria das estradas. Acredito que a adoção da produção integrada de frutas e sistema eficiente de identificação de moléculas de pesticidas podem ser alternativas para se adequar às exigências do mercado externo.

Cláudia Sales – Campos dos Goytacazes/RJ

O governo federal precisa investir mais nos produtores de frutas dos polos de exportação do Brasil, principalmente na redução de impostos.

Aline Rocha – Juazeiro/BA

Muito boa, porém faltou falar do abacaxi. O Brasil está entre os três maiores produtores do mundo desta fruta. É preciso melhorar a qualidade de algumas frutas e utilizar menos agrotóxicos.

José Roberto Silva – Uberlândia/MG



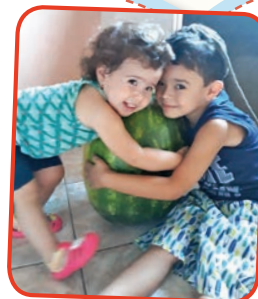
Luiza Gonçalves dos Santos - São Lourenço (MG)



Matteo Gonçalves dos Santos - São Lourenço (MG)



Beatriz Heringer Borges Santos Schiochett - Jaguaré (ES)



Maria Júlia e Luiz Antonio - Guarantã (SP)



Pedro Menha Teixeira - Jaú (SP)



Enrico Caliman Azevedo - Linhares (ES)



Théo Torezani - Pinheiros (ES)



Vinicius Heringer Borges Freire Filho - Pinheiros (ES)



Yasmim Augusti - Campinas (SP)

Valorize seu pequeno na agricultura!



Quer ver seu pequeno na revista?

Mande fotos da criançada para publicarmos nas próximas edições!

hfbrasil@cepea.org.br

ou WhatsApp (19) 99128.1144!

PREVISÃO DE REQUEIMA E ALTERNARIA? É TEMPO DE TOTALIT, O NOVO FUNGICIDA DA IHARA.



Multiculturas



Maior período
de controle



Duplo mecanismo de ação:
sistêmico e contato



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte constantemente as embalagens e restos de produtos. Uso exclusivamente agrícola.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.

Totalit

IHARA

Agricultura
é a nossa vida

Editores econômicos:

Prof. Dra. Margarete Boteon, João Paulo Bernardes Deleo,
Fernanda Geraldini Palmieri, Marina Marangon Moreira e Marcela Guastalli Barbieri

hfbrasil@cepea.org.br

PERSPECTIVAS HF 2019



ECONOMIA



NOVO
GOVERNO



PIB
POSITIVO



DÓLAR
ELEVADO

CONSUMO



PODER DE COMPRA
ENFRAQUECIDO



DESEMPREGO
ALTO



CONSUMO
ESTÁVEL DE HF

SETOR HF



EL NIÑO



CUSTOS
EM ALTA



MENOR ÁREA

O sucesso no campo *começa*
na escolha
das **melhores** sementes



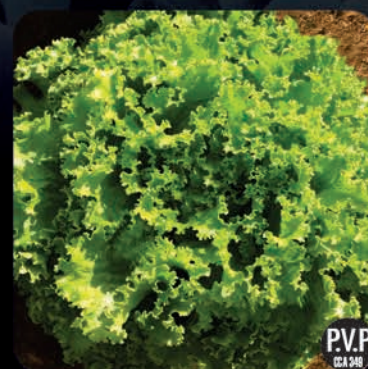
Mauren

Alface Americana



Ariana

Alface Crespa Verde



Soraia

Alface Crespa Verde



Gabriela

Alface Crespa Roxa



Stella

Alface Lisa



Nataly

Alface Mimosa Verde



CALL CENTER
(54) 2109 4444

NÚMEROS MAIS POSITIVOS PARA 2019



NOVO GOVERNO

A promessa do presidente eleito Jair Bolsonaro, de uma agenda mais liberal na economia, e a sinalização da importância de reformas para reduzir a dívida pública agradaram o mercado e melhoraram os indicadores econômicos para 2019. No entanto, essa “lua de mel” só continuará se o novo governo conseguir atender as expectativas dos eleitores em termos de reforma fiscal e se os indicadores de crescimento econômico começarem a melhorar em 2019.



PIB POSITIVO

2019: 2,53%*

2018: 1,30%*

Para 2019, a estimativa é de retomada do crescimento da economia brasileira em 2,53%, diante da expectativa de que o novo governo sinalize um programa mais severo de reformas fiscais. Em 2018, a previsão inicial era de um crescimento mais robusto, impulsionado pelo consumo. Porém, o problema fiscal por falta de reformas importantes (destaque para a Previdência Social) e as incertezas políticas, juntamente com a greve dos caminhoneiros em maio, dificultaram o processo de retomada da economia.

* Banco Central (10/12/18).



DÓLAR ELEVADO

2019: R\$ 3,78*

2018: R\$ 3,80*

O dólar se valorizou em relação ao Real em 2018, o que esteve atrelado à recuperação econômica, aos juros mais elevados nos Estados Unidos e a incertezas políticas no Brasil. Para 2019, uma agenda de reformas nacionais ainda indefinida deve influenciar a volatilidade do câmbio. Logo após as eleições presidenciais em outubro, o dólar caiu, mas no médio prazo, o cenário externo favorável deve continuar resultando em valorização da moeda norte-americana sobre o Real.

* Banco Central (10/12/18).



LEVAR AOS CAMPOS DO BRASIL TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO. ESSE É NOSSO MAIOR
COMPROMISSO.

AGRISTAR
CONFIANÇA NO AMANHÃ

A Agristar é movida pela paixão ao campo e pelo desafio de superar limites.

Com 60 anos de experiência, somos uma das maiores empresas do País no desenvolvimento, produção e comercialização de sementes de hortaliças, flores e ervas.

Caminhamos em direção ao futuro, através do treinamento constante da nossa equipe, inovações tecnológicas e investimento em infraestrutura.

Com capital 100% nacional, temos orgulho de conhecer a nossa terra e aqui desenvolver e testar produtos de alto desempenho.

Essa é a Agristar, uma empresa que acredita na agricultura, na força do produtor brasileiro e, principalmente, em um amanhã cada vez melhor.

BOAS FESTAS E UM PRÓSPERO 2019!

AGRISTAR

CONFIANÇA NO AMANHÃ



TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

TOPSEED
TRADIÇÃO EM SEMENTES

TOPSEED
GARDEN
SEMENTES PARA SUA VIDA

SUPERSEED
SEMENTES QUE FAZEM A DIFERENÇA

19 3514-7330 • www.agristar.com.br



CONSUMO DE HF'S DEVE SEGUIR ESTÁVEL EM 2019



ALTA TAXA DE DESEMPREGO

2019: 10,7%

2018: 11,8%

O cenário menos favorável em relação ao mercado de trabalho influenciou diretamente no poder de compra da população em 2018. Mesmo com a previsão de melhora dos indicadores econômicos em 2019, a taxa de desemprego deve permanecer elevada no próximo ano (10,7%). Segundo dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), a estimativa de fechamento para 2018 é de desemprego de 11,8%.

Fonte: FMI (10/2018)



PODER DE COMPRA ENFRAQUECIDO

A retomada do poder de compra do brasileiro depende basicamente da queda da taxa de desemprego, da maior disponibilidade de crédito, inflação baixa e juros reduzidos. Para 2019, a inflação e o juros continuam em bons patamares, mas o crédito e a disponibilidade de vagas de trabalho ainda são limitados.



CONSUMO ESTÁVEL DE HF

Para 2018, o consumo não registrou crescimento tão robusto como era inicialmente esperado, mas foi mais favorável para produtos de maior valor agregado, como uva sem semente, melão "de marca", tomate "especialidades", hortaliças mini e baby e minimamente processados. Nos anos de grave recessão da economia brasileira (2015-2017), esses hortifrúteis foram os mais impactados pela queda no poder de compra do consumidor. Em 2019, a previsão, por enquanto, é de consumo de frutas e hortaliças similar ao de 2018.

UNIZEB GLORY

Controle de doenças
além da sua expectativa.

- ▶ Excelente controle de *Alternaria* e efeito sobre outras importantes doenças.
- ▶ Ideal para o manejo da resistência.
- ▶ Seletividade e potência na mais equilibrada formulação.
- ▶ Efeito verde superior com incremento de produtividade.



AÇÃO MULTISSÍTIO

ATACA OS FUNGOS COM 7 DIFERENTES
MECANISMOS DE AÇÃO

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.

NO GERAL, ÁREA PODE SER MENOR EM 2019



EL NIÑO

O *El Niño* está presente no Brasil desde novembro e a previsão para o verão 2018-2019 é de chuvas acima da média histórica na região Sul e de menor volume no norte do Nordeste, de acordo o Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos/Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Cptec/Inpe). O fenômeno climático deve se estender até entre março e maio de 2019, quando não estão previstos outros “ENOS”.



CUSTOS EM ALTA

Em 2018, os aumentos dos valores da energia elétrica, dos combustíveis, de serviços de frete e de insumos impactaram nos gastos com a produção de frutas e hortaliças. Para 2019, principalmente durante o verão (até março), o *El Niño* pode prejudicar principalmente no Sul, elevando os custos unitários.



ÁREA MENOR

HORTALIÇAS: Para 2019, estimativas do Hortifruti/Cepea indicam que a área de hortaliças deve apresentar ligeira redução. Para **batata** e **tomate**, a rentabilidade não foi boa o suficiente em 2018 para elevar os investimentos no próximo ano. Para **cebola**, os preços no segundo semestre de 2018 ficaram abaixo do custo de produção, o que deve reduzir a área em 2019. Depois do recuo nas áreas de **cenoura** e da **alface** em 2018, a aposta inicial é que área plantada se mantenha para ambas no próximo ano.

FRUTAS: A previsão é de ligeira queda na área de frutas em 2019. Para **banana**, a área pode recuar levemente – apesar dos investimentos em Delfinópolis (MG), deve haver redução no Norte de Minas Gerais. Em **uva**, a área será um pouco maior em Pirapora (MG), mas pode não superar a queda prevista em São Paulo e Paraná. Em **melão**, a área pode se manter em 2019, assim como para a **maçã**, que deve seguir em 2019/20 com a mesma área de 2018/19. **Manga** deve continuar com aumento de área no Vale do São Francisco e no Norte de Minas Gerais, enquanto **melancia** recua novamente no Tocantins e na safrinha paulista. Já para o **mamão**, por enquanto, a previsão é de que a área se mantenha estável frente à de 2018.

Sementes de Vegetais Syngenta: ciência, pesquisa e 150 anos de inovação.

Nossas sementes estão na terra e na vida das pessoas.

Uma história escrita com paixão pela inovação, traduzida em sementes com alta tecnologia, rentabilidade, produtividade e qualidade para contribuir com a alimentação do nosso país e do mundo.

Sementes de Vegetais Syngenta

+ inovação + produtividade + qualidade



saiba mais > portalsyngenta.com.br

Qualidade
Produtividade

syngenta®

CALENDÁRIO 2018

Principais acontecimentos no mercado de frutas e hortaliças em 2018

JANEIRO

LA NIÑA

Pouca intensidade no verão



FEVEREIRO

QUEBRA DA SAFRA DE VERÃO

Preços do **tomate** sobem com menor oferta



MARÇO

MAÇÃ MIÚDA

Maior disponibilidade de frutas de menor calibre pressiona cotações



ABRIL

CEBOLA EM ALTA

Preços elevados com menor oferta nacional



MAIO

GREVE DOS CAMINHONEIROS

prejudica abastecimento



JUNHO

R\$ 90 MIL

Custo total estimado por hectare para produzir **tomate** de mesa envarado



JULHO

REDUÇÃO NA SAFRA DE LARANJA

Com safra menor em SP, indústria intensifica a moagem com menos matéria-prima



AGOSTO

BANANA PRATA EM QUEDA

Rentabilidade é limitada em outubro por conta do pico de colheita



SETEMBRO

MANGA & UVA

Brasil exporta mais no último quadrimestre do ano e reduz excedente externo



OUTUBRO

BATATA NO VERMELHO

Setor completa dois anos de preços abaixo do custo



NOVEMBRO

US\$ 730 MILHÕES

Previsão de receita com exportações de frutas em 2018 (Secex)



DEZEMBRO

EL NIÑO

Fenômeno aumenta volume de chuvas no Sul





CEBOLA

☎ 19 99128-1144

📱 @revistahortifrutibrasil

RETROSPECTIVA 2018

A rentabilidade da safra 2017/18 foi positiva no Sul do País, devido aos preços mais altos em relação aos praticados em 2016/17. Nas demais regiões produtoras (Cerrado, São Paulo e Nordeste), os resultados foram satisfatórios para os produtores que colheram antes de julho, quando as cotações estavam elevadas por conta da menor oferta nacional. Já aqueles que colheram na segunda parte do ano, a rentabilidade não foi atrativa, visto que a oferta bastante elevada a partir de meados de julho pressionou fortemente as cotações em todo o território nacional ao longo dos meses.

Os resultados da safra 2018/19 no Sul do Brasil vão depender da intensidade do *El Niño*, que vem ocorrendo desde novembro. O maior regime de chuvas pode se intensificar na época da colheita, reduzindo a oferta e elevando os preços. Para Minas Gerais, Goiás, São Paulo e Nordeste, como a expectativa é de redução do plantio para a temporada 2019, os resultados devem ser melhores em relação aos de 2018, com previsão de uma maior rentabilidade aos produtores. No Nordeste, o *El Niño* pode agravar ainda mais a seca e prejudicar os plantios.

PERSPECTIVA 2019

Destaques em 2018

Fonte: Hortifruti/Cepea

Aumento da área total em 2018

+4,4%



Queda na rentabilidade no 2º semestre de 2018 frente a 2017 (Cerrado e SP)

-60%



Redução das importações da União Europeia

-3,72%



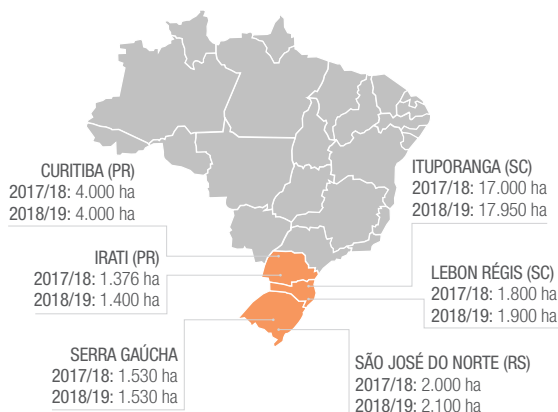
Preços menores no 2º semestre frente ao 1º sem/18

-67%

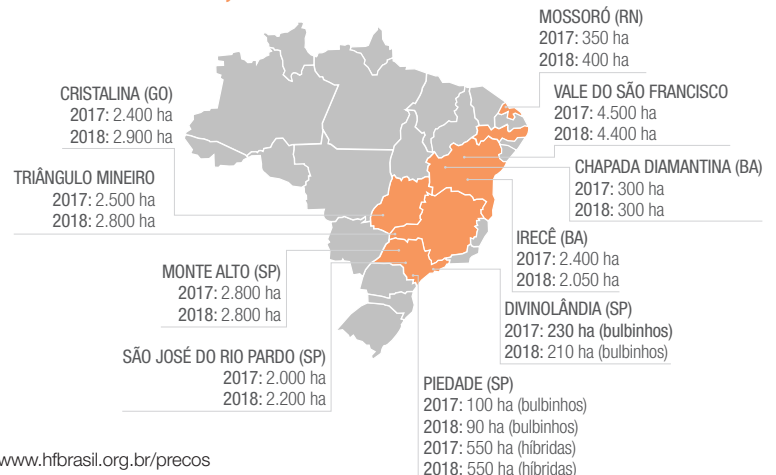


ESTATÍSTICAS DE PRODUÇÃO

SUL



NORDESTE, CENTRO-OESTE E SUDESTE



Obs: Confira a relação de municípios das regiões destacadas acima no link: <https://www.hfbrasil.org.br/precos>



El Niño pode trazer rentabilidade positiva em 2019 no Sul

Neste ano, a área plantada com cebola aumentou 4,2% na região Sul, em relação ao ano anterior, devido à boa capitalização de produtores em 2017. O preço médio ao produtor na temporada 2017/18 (janeiro a maio) foi de R\$ 1,16/kg. No Sul do País, o plantio da temporada de 2018/19 se iniciou em maio. Entretanto, até junho, Ituporanga (SC), Lebon Régis (SC) e Irtati (PR) enfrentaram problemas com a estiagem durante o plantio, sendo que a região paranaense foi a mais afetada pela seca, onde uma parcela das mudas teve que ser transplantada novamente. Contudo, a partir de agosto, o regime de chuvas aumentou nessas praças. Em Ituporanga e São José do Norte (RS), a umidade facilitou o aparecimento de fungos nas primeiras cebolas colhidas, tornando-as de baixo calibre. Nesse cenário, os custos de produção na região Sul aumentaram, já que os insumos encareceram com a desvalorização do Real e com os maiores gastos com irrigação durante a estiagem. Além disso, a ocorrência do *El Niño* desde novembro pode reduzir a produtividade e o ritmo de colheita no Sul do Brasil. Caso o elevado índice de chuvas se confirme com a influência do fenômeno, a expectativa é que os preços continuem elevados: em novembro de 2018, os valores da cebola em Ituporanga foram de R\$ 1,30/kg. Para a temporada 2019/20, os resultados vão depender desta safra (2018/19), mas a estimativa inicial é de manutenção de área.

Alta oferta no segundo semestre pressiona cotações em SP

Em 2018, a área plantada de bulbinhos em Piedade e Divinolândia se reduziu em 10% e 8,7%, respectivamente. O plantio dessa cultivar é mais caro em comparação à híbrida, porém produtores ainda optam por continuar com a produção de bulbinhos, já que a colheita é realizada na entressafra (maio e junho), quando tradicionalmente os preços são mais atrativos. A rentabilidade em 2018 foi positiva nas duas regiões, devido justamente à oferta nacional reduzida, ajudando a amenizar os prejuízos da safra passada. As cotações médias em Piedade e Divinolândia ficaram em R\$ 1,75/kg e R\$ 1,99/kg na roça, respectivamente. Quanto à safra de híbridas em Piedade, que tem colheita entre setembro e dezembro, continua com a mesma área de 2017. Porém, a rentabilidade local teve fraco desempenho, devido à alta disponibilidade nacional, concorrendo com cebolas do Nordeste, Cerrado e outras regiões paulistas. Já em São José do Rio Pardo e Monte Alto, houve aumento de área de 10% e 8,7%, na mesma ordem, em 2018. A rentabilidade foi negativa em ambas as regiões, por causa do excesso de cebolas no mercado, além das fortes chuvas no final da temporada (outubro), elevando o percentual de descarte de mercadorias. Para 2019, é esperada

manutenção da área de bulbinhos e redução de híbridas em Piedade, Monte Alto e São José do Rio Pardo, visto o alto custo de produção e os resultados pouco satisfatórios em 2018.

Com rentabilidade afetada em 2018, área deve se reduzir em 2019

As regiões de Santa Juliana (MG) e Cristalina (GO) tiveram aumentos de 12% e 10%, respectivamente, na área de cebolas em 2018, devido à melhor remuneração dos produtores em 2017. Apesar da retirada precoce dos bulbos (verdes) no início da safra, a produtividade foi elevada no geral: 61,5 t/ha no Triângulo Mineiro e 62 t/ha em Cristalina. A colheita de bulbos ainda verdes ocorreu diante das melhores cotações, por causa da oferta reduzida em maio e junho. Porém, a partir de meados de julho, o volume nacional se elevou significativamente, e os preços despencaram. O prejuízo foi maior para aqueles produtores que concentraram a comercialização em agosto e setembro. Em Cristalina, as cotações foram de R\$ 20,80/sc de 20 kg e em Santa Juliana, de R\$ 24,38/sc de 20 kg de maio a novembro. No final da safra (outubro/novembro), a chuva, principalmente no Triângulo Mineiro, acarretou em descartes de mercadoria. Assim, para a safra de 2019 do Cerrado é esperada redução de 17,2% na área de Cristalina e de 10,7%, em Santa Juliana.

Área deve se reduzir em todo o Nordeste em 2019

A área da safra de cebola de Irecê (BA) se reduziu em 14,6% no primeiro semestre de 2018, por causa dos baixos preços obtidos em 2017 e das chuvas ocorridas no início de 2018, que impossibilitaram o plantio. No segundo semestre, houve nova diminuição de 13,6%, devido à cautela dos produtores para novos investimentos, dada a elevada competitividade com as demais regiões produtoras, além da crise hídrica na região. Já no Vale do São Francisco, houve leve aumento de 3% na área no primeiro semestre e redução de 16,7% no segundo. Em Mossoró (RN), a área aumentou em 14,3%, totalizando 400 hectares. Após alguns anos de queda, maiores índices de chuvas e tecnologia (principalmente no uso de gotejamento) possibilitaram elevação na área nesta temporada na praça potiguar. Os resultados no Nordeste foram positivos para quem colheu antes de julho, quando os preços ainda estavam altos. Já para quem concentrou a comercialização no segundo semestre, houve forte competição com outras importantes regiões produtoras, causando pouco retorno financeiro. Para o ano de 2019, é prevista de nova redução de área em todas as regiões produtoras do Nordeste, devido à baixa rentabilidade e às incertezas quanto à estiagem que o *El Niño* pode causar durante o semeio.



ALFACE

☎ 19 99128-1144

📱 @revistahortifrutibrasil

RETROSPECTIVA 2018

A oferta elevada durante parte da safra de 2018 (inverno 2018 e verão 2018/19) e a procura retraída nos meses mais frios do ano pressionaram as cotações de alface, principalmente durante o inverno. Desta forma, a rentabilidade dos produtores na safra 2018 foi limitada e as cotações estiveram abaixo dos custos por um bom período. Com isso, a área nacional destinada às alfaces se reduziu 8% nesta temporada, totalizando 15.136 hectares. Já na safra de verão 2017/18, apesar do maior escoamento, os resultados foram não foram tão positivos quanto o esperado, deixando agricultores cautelosos quanto ao transplântio e aos investimentos futuros.

Para a safra de verão 2018/19, as estimativas indicam, até o momento, manutenção das áreas de cultivo nas regiões acompanhadas pelo projeto Hortifruti/Cepea. Devido aos resultados insatisfatórios obtidos em boa parte de 2018, não é previsto um investimento em área pelos produtores. Para o inverno de 2019, as estimativas também devem permanecer inalteradas em comparação à safra 2018, em função de sua baixa rentabilidade e descapitalização dos produtores para novas expansões. Contudo, os resultados efetivos dependerão da rentabilidade da safra de verão 2018/19 e das condições climáticas até o momento do plantio.

PERSPECTIVA 2019

Destaques em 2018

Fonte: Hortifruti/Cepea

Menor preço da crespa em Ibiúna desde outubro/17 (outubro)

R\$ 0,33/pé



Área destinada ao cultivo hidropônico em Mogi das Cruzes

9%



Maior valor da americana no atacado desde junho/17

R\$ 2,10/pé (abril)



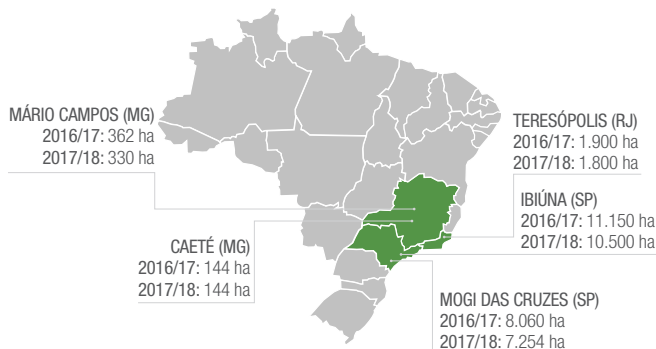
Redução da área total da safra inverno 2018 frente 2017

-8%

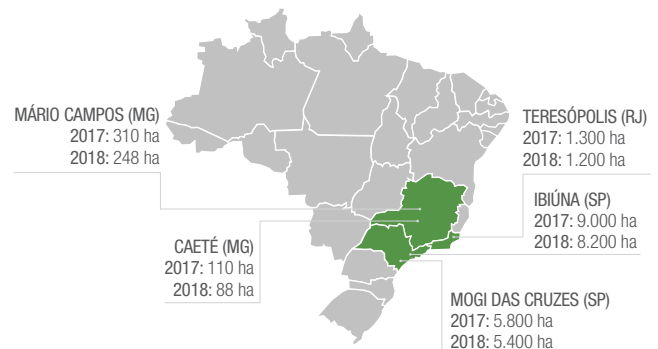


ESTATÍSTICAS DE PRODUÇÃO

SAFRA DE VERÃO



SAFRA DE INVERNO



Obs: Confira a relação de municípios das regiões destacadas acima no link: <https://www.hfbrasil.org.br/precos>

Obs 2: Principais regiões produtoras avaliadas pela Hortifruti/Cepea

SAFRA DE VERÃO

• **SÃO PAULO:** Na safra de verão 2017/18 (dezembro a junho), houve redução de 10% da área em Mogi das Cruzes e Ibiúna, totalizando, respectivamente, 7.254 e 11.115 hectares. Os baixos preços na safra de verão passada (2016/17) e o elevado volume de sobras no inverno de 2017 deixaram produtores cautelosos em investir em novas expansões. O clima no início da temporada paulista foi favorável à produtividade das folhosas, o que acabou elevando a oferta e pressionando as cotações. Porém, as intensas chuvas em março, ocasionaram grandes perdas nas roças. Nesse cenário, os valores aumentaram e, em abril, a crespa registrou o maior preço da safra: R\$ 0,83/unidade em Mogi das Cruzes. De maneira geral, a rentabilidade permaneceu positiva em ambas as regiões de SP, apesar de “apertada” em alguns meses. Para a safra de verão 2018/19, a perspectiva é de manutenção da área em Mogi e redução de 10% em Ibiúna.

• **MINAS GERAIS:** A safra de verão 2017/18 (dezembro a junho) se iniciou com baixa oferta, devido à redução do transplântio. A partir de fevereiro, as chuvas se tornaram frequentes, acarretando em menor da incidência de tripses – praga comum na região. Em Caeté, a área se retraiu 10%, indo a 144 hectares; em Mário Campo, a redução foi de 13,5%, somando 362 hectares. Os preços foram pouco rentáveis no início da temporada, mas começaram a subir a partir de fevereiro. A média da crespa na temporada foi de R\$ 0,62/unidade. Apesar de a rentabilidade, no geral, ter sido positiva, as perdas e o baixo escoamento em alguns períodos mantiveram o índice de inadimplência elevado. Assim, muitos produtores ficaram descapitalizados para os sementes de inverno. Para a safra de verão 2018/19 de Minas Gerais, a expectativa é de redução de área de 9% em Mário Campos e manutenção em Caeté. Como os resultados de 2018 ficaram abaixo das expectativas, o investimento deve ser restrito em 2019.

• **RIO DE JANEIRO:** Em Teresópolis, a área de verão 2017/18 não se alterou em relação a 2016/17. Com a crise no estado, produtores ficaram cautelosos em aumentar a área de plantio em 2018, devido à redução do consumo local e à dificuldade de acesso ao crédito. Em janeiro, as chuvas se intensificaram, resultando em menor qualidade dos pés, visto à queima e mela. Porém, ao longo da temporada, o clima voltou a ser favorável à produção e a oferta se normalizou. A demanda pela alface fluminense por outras regiões foi aquecida no começo

da safra, porém recuou ao longo dos meses – as demais localidades encerraram as compras no Rio de Janeiro, por conta da estabilização da oferta. Quanto aos preços, foram mais remuneradores em relação ao verão anterior: a crespa teve média de R\$ 0,44/unidades (dezembro a junho), enquanto a americana de R\$ 0,84/unidade, valores respectivamente 7% e 10% superiores aos de 2016/17.

SAFRA DE INVERNO

• **SÃO PAULO:** No decorrer da safra de inverno 2018, (junho a dezembro), a área destinada às alfaces recuou 7% em Mogi das Cruzes e 9% em Ibiúna. O plantio começou com ritmo lento entre abril e maio, e as vendas de mudas estiveram baixas no restante da safra. Em relação à produtividade, em grande parte da temporada, o clima foi favorável e a oferta, elevada. Porém, em agosto, a incidência de míldio e mofo branco aumentou, reduzindo a qualidade dos pés. As cotações, no entanto, estiveram baixas: a crespa teve média de R\$ 0,37/unidade em Ibiúna e R\$ 0,52/unidade em Mogi, gerando rentabilidade negativa em ambas as regiões. Para a safra de inverno 2019, as áreas de alface devem se manter em SP, já que a descapitalização e o índice de inadimplência estão elevados entre os produtores, e não há capital suficiente para novos investimentos.

• **MINAS GERAIS:** A estimativa da área destinada para a produção de alfaces na safra de inverno 2018 nas regiões de Mário Campos e Caeté é de manutenção dos 336 hectares. A produção elevada em boa parte da temporada de inverno 2017 e a baixa demanda (local e externa) deixaram as cotações abaixo dos custos e desmotivaram produtores a investirem na cultura. O preço médio da crespa foi de R\$ 0,37/unidade e o da americana, R\$ 0,97/unidade no período de junho a outubro. Para o inverno 2019, é esperada manutenção da área nas duas regiões mineiras, devido aos prejuízos de alguns produtores na temporada passada e à infestação significativa de tripses.

• **RIO DE JANEIRO:** A área calculada para a região de Teresópolis se reduziu em 8% na safra 2018, resultando em 1.200 hectares. Já os preços médios estiveram acima dos custos: o da americana foi de R\$ 0,74/unidade, no período de junho a novembro, rentabilidade positiva de 30%. A oferta foi baixa em boa parte da safra, em função das menores temperaturas e da incidência de míldio. As estimativas para o inverno de 2019 indicam manutenção da área, já que o cenário da temporada de 2018, apesar de ter sido mais remunerador, foi instável, deixando grande parte dos produtores cautelosa a novas expansões.



CENOURA

☎ 19 99128-1144

📱 @revistahortifrutibrasil

RETROSPECTIVA 2018

A área total da safra 2018 (inverno 2018 e verão 2018/19) de cenoura recuou 3,4% frente ao ano passado. A retração ocorreu nos estados de Goiás, Rio Grande do Sul e Bahia, tanto na safra de verão quanto na de inverno. Mesmo com o fechamento positivo na temporada 2017, o lucro de produtores não foi muito elevado devido à inadimplência acarretada pela baixa rentabilidade nas safras anteriores, o que reduziu os investimentos na cultura. Porém, a queda na área nesta temporada acabou proporcionando boa rentabilidade ao produtor.

A aposta é que a rentabilidade continue positiva. A área nacional não deve se alterar em relação à safra 2018, visto que o recuo desta temporada apresentou bons resultados. Por outro lado, há incertezas quanto às praças que podem ser afetadas pelo *El Niño*: as chuvas em excesso no Paraná e Rio Grande do Sul podem dificultar o plantio; já na Bahia, a seca pode prejudicar o desenvolvimento das raízes. Além disso, o comportamento do mercado até o plantio deve ser levado em consideração na tomada de decisões.

PERSPECTIVA 2019

Destaques em 2018

Fonte: Hortifruti/Cepea

Aumento na produtividade na safra de verão em MG

14,8%



Queda na área da temporada 2018

-3,4%



Aumento dos preços em 2018 frente 2017

23,5%



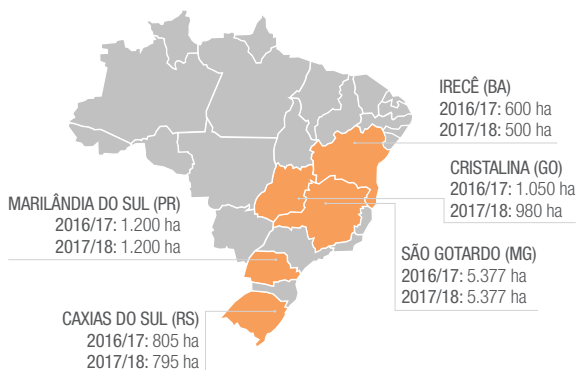
Maior rentabilidade na safra 2018 frente 2017

125,7%

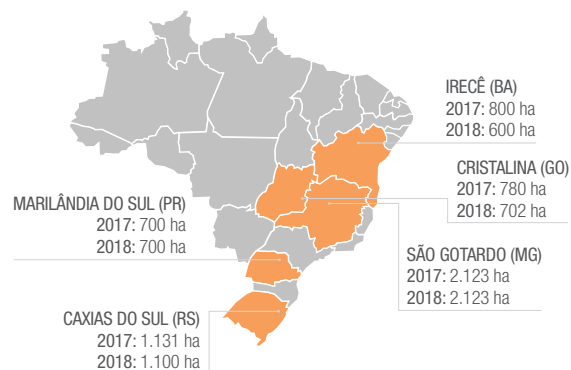


ESTATÍSTICAS DE PRODUÇÃO

SAFRA DE VERÃO



SAFRA DE INVERNO



Obs: Confira a relação de municípios das regiões destacadas acima no link: <https://www.hfbrasil.org.br/precos>

SAFRA DE VERÃO 2017/18

• **SÃO GOTARDO (MG):** A região teve bons resultados após a redução da oferta de cenoura, elevando os preços. Na praça mineira, a área se reduziu 2% frente à safra 2016/17. Além do melhor retorno financeiro, a produtividade elevada reduziu o custo médio em 17%. O que impulsionou o rendimento foi a estratégia de reduzir o adensamento (plantas por hectare), garantindo uma pulverização mais efetiva na lavoura, visto que, no verão, a incidência de doenças é maior. A produção em São Gotardo alcançou média de 65 t/ha, 14% acima do observado na safra anterior. Quanto à rentabilidade, no total da safra (janeiro a agosto), as cotações aos produtores estiveram 71% acima dos custos. Para a temporada de verão 2018/19, as expectativas são de manutenção da área plantada na região. As chuvas durante o plantio prejudicaram os trabalhos nas lavouras nos últimos meses de 2018, dificultando a germinação das sementes recém-cultivadas, mas ainda não há indícios de atrasos significativos no calendário.

• **CRISTALINA (GO):** No primeiro semestre de 2018, a área colhida se manteve estável na praça goiana. Mesmo com os resultados satisfatórios em boa parte de 2017, o lucro foi utilizado para saldar dívidas anteriores e, de modo geral, não houve capital restante para investir. Com a menor oferta nacional, as cotações em 2018 (até novembro) foram 48% superiores em relação às de 2017. Quanto à produtividade, apesar de o início da safra (em janeiro) ter sido marcado por incidência de mela, bifurcações e nematoides, o rendimento foi normalizado em Cristalina a partir de maio, totalizando 61 t/ha na safra. Mesmo com boa rentabilidade, os custos estiveram elevados, a disponibilidade de capital era baixa e a concorrência com Minas Gerais, alta. Desta forma, a área dedicada à cenoura deve se reduzir 6,7% em 2018/19.

• **MARILÂNDIA DO SUL (PR):** A área de verão 2017/18 não se alterou frente à de 2016/17 e, quanto aos preços, estiveram acima dos custos, garantindo boa rentabilidade ao produtor no verão 2018. Os custos de produção foram 6,1% mais altos em relação à temporada anterior (considerando-se o período de janeiro a junho), mas, ao mesmo tempo, os preços subiram fortes 27,4%. Para a temporada de verão 2018/19, cuja colheita está prevista para janeiro, a área deve se manter estável.

• **CAXIAS DO SUL (RS):** A área da safra 2017/18 ficou inalterada ante à passada. Os custos de produção subiram 25% e limitaram a rentabilidade em alguns meses da temporada. Diante disso, a perspectiva é que a área recue apenas 1,6% na próxima safra (2018/19). A concorrência com o Cerrado Mineiro também é um fator que preocupa produtores gaúchos, freando os investimentos. Isso porque compradores do Rio Grande do Sul recorrem a Minas Gerais para a aquisição de cenouras em períodos de preços mais baixos e pelo fato

de as raízes mineiras normalmente terem qualidade superior.

• **IRECÊ (BA):** Neste ano, a área de Irecê foi 14,3% menor, devido à descapitalização dos produtores. A crise hídrica na região, o baixo nível tecnológico e condições climáticas pouco favoráveis à cultura (quente e seco) são fatores que limitam a rentabilidade. Mesmo sendo positiva em 36%, a rentabilidade da temporada não foi tão satisfatória, e espera-se novo recuo na safra 2019.

SAFRA DE INVERNO 2018

• **SÃO GOTARDO (MG):** A safra de inverno 2018 foi rentável a produtores mineiros. O motivo é que o recuo de área em 2017 foi significativo, reduzindo a oferta durante toda a temporada. O preço médio (de agosto a novembro) foi de R\$ 16,57/cx de 29 kg da cenoura “suja”, valor 11,1% superior ao ano passado e 86% acima dos custos de produção. A produtividade foi considerada excelente (90,5 t/ha), 17% superior à de 2017. Para a safra 2019, a área não deve se alterar frente a 2018. Apesar do maior lucro nesta temporada, muitos produtores ainda estão saldando dívidas anteriores.

• **CRISTALINA (GO):** Com o recuo de 10% na área de Cristalina, a remuneração ao produtor se elevou, garantindo rentabilidade positiva de 95,6%. Os custos não apresentaram grandes alterações, visto que a produtividade da região foi elevada (100 t/ha) e não houve incidência de doenças. A área deve se manter em 2019, devido aos bons resultados.

• **Marilândia Do Sul (PR):** A rentabilidade da cultura foi positiva em 2018. A caixa de 20 kg de cenoura do tipo “AAA” foi vendida a R\$ 27,24 de agosto a novembro, valor 19,6% superior em relação ao da safra passada e 102,5% acima dos custos. Quanto à área de cultivo, não houve modificações em 2018 e a aposta inicial também é de manutenção para 2019.

• **CAXIAS DO SUL (RS):** A área gaúcha teve redução de 2,7% no inverno 2018. Em relação à temporada anterior, os preços em 2018 foram 21,4% superiores. No fechamento da safra, a rentabilidade foi positiva em 95,2%. Esse bom desempenho é resultado do recuo na área total, que diminuiu a oferta nacional. Para 2019, por enquanto, a aposta é que a área não se altere.

• **IRECÊ (BA):** A área destinada ao cultivo de cenouras em 2018 recuou expressivos 25% na Bahia, pois os resultados foram insatisfatórios nas temporadas anteriores. Além disso, boa parte da produção baiana ainda é de cenouras OP, o que prejudica o rendimento nas lavouras. O fechamento da safra foi positivo, garantindo rentabilidade de 69% ao produtor. Para a temporada safra, produtores querem investir no pacote tecnológico, na intenção de aumentar a produtividade. Porém, o processo ainda é bastante lento e, por enquanto, apenas uma pequena parcela dos produtores investe em novas tecnologias.



BATATA

☎ 19 99128-1144

📱 @revistahortifrutibrasil

RETROSPECTIVA 2018

Em 2018 (safra das secas/inverno 2018 e águas 2018/19), a redução na área plantada com batata é estimada em 7,1% frente a 2017, atenuada com o ligeiro crescimento de 1,7% na área da indústria. O maior recuo, de 13%, ocorreu na safra das águas 2018/19, decorrente dos baixos preços desde novembro de 2016 – vale ressaltar que nas temporadas das águas e de inverno, houve excesso de oferta, cenário que pressionou as cotações. Entretanto, o início da temporada das secas (maio), que teve redução de 6,3% no plantio, foi tipicamente de preços mais altos, porém muitos produtores que colheram nessa época tiveram baixo rendimento, o que elevou os custos de produção. Além disso, com a greve dos caminhoneiros em maio, poucos agricultores conseguiram comercializar no período.

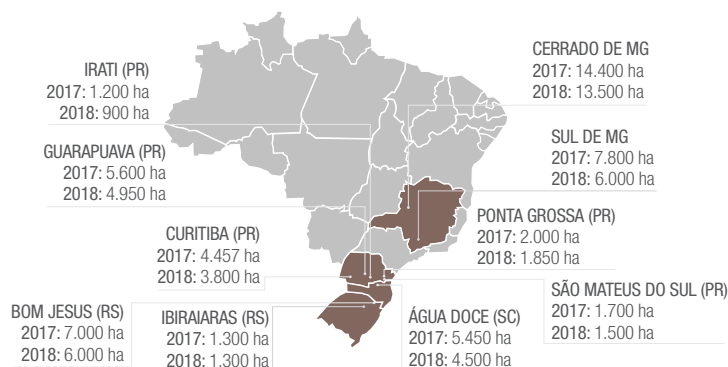
Para 2019 (inverno 2019 e águas 2018/20), a estimativa é de ligeira retração de 0,6% na área, devendo ocorrer somente na temporada de inverno. Na safra das águas 2019/20, em função da queda de área em 2018/19, a aposta é de estabilidade nos plantios de batata. Para a safra das secas, a área também deve ficar estável, pois apesar da baixa rentabilidade em 2018, o índice de cultivo no período já é baixo, e a expectativa de uma boa rentabilidade na temporada das águas deve permitir a manutenção nos investimentos. Para o inverno, até o final desta edição, a expectativa é de redução de apenas 1,5% no cultivo, que se concentra em Vargem Grande do Sul (SP), região que deve plantar 5,1% a menos em 2019.

PERSPECTIVA 2019

ESTATÍSTICAS DE PRODUÇÃO

Fonte: Hortifruti/Cepea

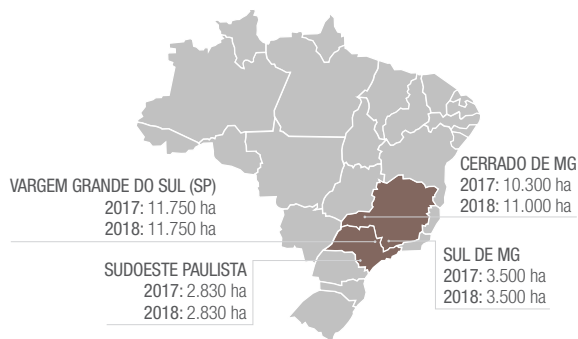
SAFRA DAS ÁGUAS



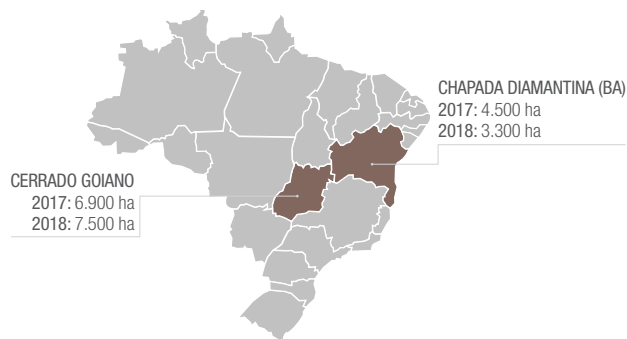
SAFRA DAS SECAS



SAFRA DE INVERNO



SAFRA ANUAL



Obs: Confira a relação de municípios das regiões destacadas acima no link: <https://www.hfbrasil.org.br/precos>



Com preço abaixo do custo por dois anos, plantio registra queda

Na maior parte de novembro de 2016 a novembro de 2018, os preços da batata estiveram abaixo dos custos de produção. Assim, pelo segundo ano consecutivo, os plantios para a temporada 2018/19 registraram baixa. Na safra 2017/18, a produtividade foi satisfatória, apesar da queda de 8% na área cultivada. Mas, como os preços estiveram semelhantes aos custos, produtores não conseguiram recuperar os prejuízos de 2016/17. Os dois anos de queda no cultivo com batata, somados à previsão de menor produtividade, devem resultar em uma temporada de bons preços ao produtor em 2018/19, mantendo os investimentos para 2019/20. A menor produtividade deve ocorrer por conta de problemas climáticos durante o plantio e o desenvolvimento, sobretudo no Paraná, onde houve falta de chuva no início e excesso a partir de setembro. Além disso, devido ao longo período de prejuízo, bataticultores deixaram de investir com sementes. Assim, os materiais cultivados têm um menor vigor genético, que desfavorecem o rendimento no campo.

Mesmo com menor área, rentabilidade é baixa nas secas

A área da safra das secas (maio a julho) 2018 fechou em 13.350 hectares, 6,3% menor em relação a 2017. Como o cultivo e a produtividade no período costumam ser baixos, os preços normalmente são mais remuneradores. Entretanto, poucos foram os produtores que conseguiram boa capitalização neste ano. Isso porque a temporada das secas se sobrepõe com o final das águas e início da de inverno, e como ambas tiveram excesso de oferta do tubérculo, acabaram impactando no mercado e nos preços das secas. Além disso, houve queda de safra no Paraná, devido ao clima, o que também impediu um melhor retorno financeiro. A greve dos caminhoneiros em maio foi outro agravante na temporada, pois impediu a comercialização de boa parte da batata e deslocou a oferta para junho e, principalmente, julho, concentrando a safra e pressionando as cotações. A cotação média na safra das secas foi de R\$ 37,38/sc, 9% abaixo dos custos (R\$ 41,06/sc). Para as secas de 2019, a expectativa é de melhor rentabilidade diante da menor oferta na safra das águas, apesar da presença do *El Niño* que pode prejudicar a temporada do Sul, devido as possíveis chuvas abundantes.

Safra de inverno tem mais um ano de excesso de oferta

Pelo segundo ano consecutivo, os preços ficaram abaixo dos custos de produção nesta safra de inverno 2018, devido à elevada área cultivada e à produtividade recorde. A temporada teve início em julho e foi finalizada em novembro, com maior concentração em agosto e setembro, meses que também costumam ser os de maior produtividade, pois o clima no período é muito favorável à bataticultura. Na média da safra, a produtividade fechou em 41,83 t/ha, 10% maior que a de 2017. Somente a partir de novembro é que as cotações começaram a se recuperar, encerrando, finalmente, 22% acima dos custos em novembro. No balanço da temporada (julho a novembro), o preço da batata foi de R\$ 39,62/sc de 50 kg, 16% abaixo dos custos de produção, que ficaram em R\$ 33,34/sc. Para 2019, é preciso que haja significativa queda na área de cultivo com a cultura, para que não seja novamente um ano de excedente de oferta.

Responsável por 40% do consumo no BR, área industrial deve continuar a crescer

A área industrial para 2019 (negociada em contrato ou produzida pela própria indústria) deve continuar superior a 20 mil hectares, segundo levantamento do Hortifruti/Cepea. Quanto às importações, no primeiro semestre de 2018, somaram cerca de 167 mil toneladas, similar a 2017, segundo a Secex. Já na parcial do segundo semestre de 2018 (julho a novembro), as compras foram 3% menores (143 mil toneladas frente as 148 mil toneladas no mesmo período do ano passado). A tendência para os próximos anos é que a demanda por batatas industrializadas continue aumentando em detrimento ao produto *in natura*. Cerca de 40% do consumo brasileiro refere-se à batata industrializada, sendo que, dessa porcentagem, somam-se as importações de pré-frita com a produzida pela indústria nacional (compras vias contrato). Se contabilizado também o que é produzido pelas indústrias de menor porte, esse percentual é ainda maior. Como há um número elevado dessas pequenas fábricas que compram no mercado *spot*, não é possível uma estimativa tão apurada do quanto absorvem da produção de batata – inclusive acabam processando variedades não específicas para fritura.



TOMATE

☎ 19 99128-1144

📱 @revistahortifrutibrasil

RETROSPECTIVA 2018

A área de tomate encerrou 2018 (safras de inverno, anual e indústria 2018 verão 2018/19), com queda de 11,8% frente à de 2017. A redução se deve sobretudo à indústria, que diminuiu sua área em 17,6%, devido aos estoques elevados de polpa. Para o tomate de mesa, o maior recuo nos plantios ocorreu na safra de inverno, tanto na primeira parte (-10,7%), por causa dos anos anteriores de baixa capitalização, quanto na segunda (-14%), diante também dos baixos preços entre junho e setembro. Para a temporada de verão 2018/19, a redução deve ser de 5,4%, pois no verão anterior já houve uma queda acentuada da área e, em grande parte, a rentabilidade foi positiva. Já as regiões que colhem o ano todo tiveram uma redução de apenas 2,3% nos investimentos.

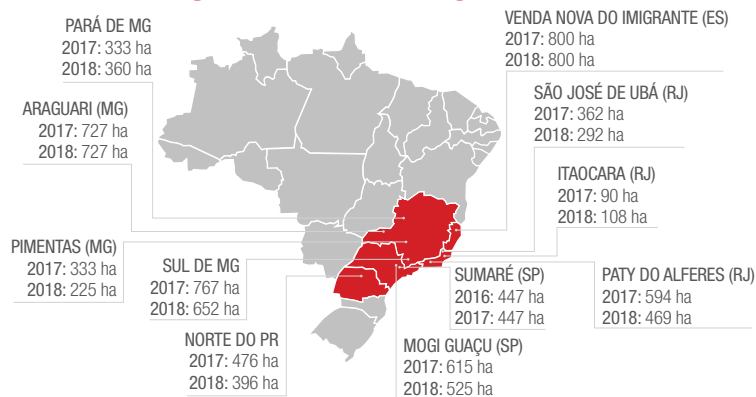
As estimativas apontam apenas 0,5% de recuo na área total cultivada em 2018 (safra de inverno 2019 e safra de verão 2019/20), concentrado nas temporadas de inverno, sobretudo na primeira parte, quando se espera área 7% menor, devido aos baixos preços entre junho e setembro de 2018. Para a segunda parte de inverno, a redução é estimada inicialmente em 2,8%, mas com os bons resultados das temporadas anteriores, é possível que não haja essa baixa. Para a safra de verão 2019/20, a boa rentabilidade esperada na 2018/19 deve manter os plantios. Quanto às regiões com safra o ano todo, podem ter recuperação dos 2,3% de queda da área ocorrida em 2018. A indústria, por sua vez, projeta que manterá a área de cultivo.

PERSPECTIVA 2019

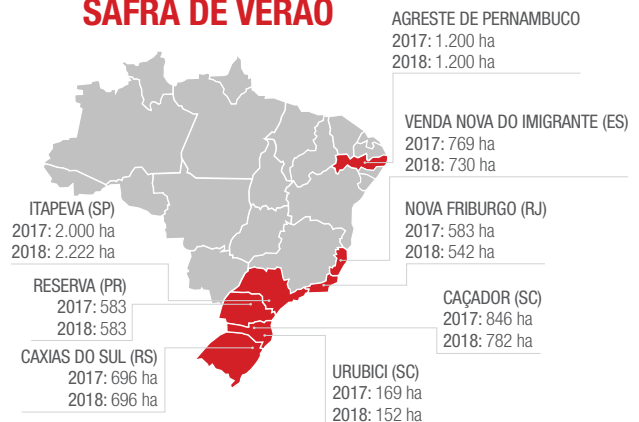
ESTATÍSTICAS DE PRODUÇÃO

Fonte: Hortifruti/Cepea

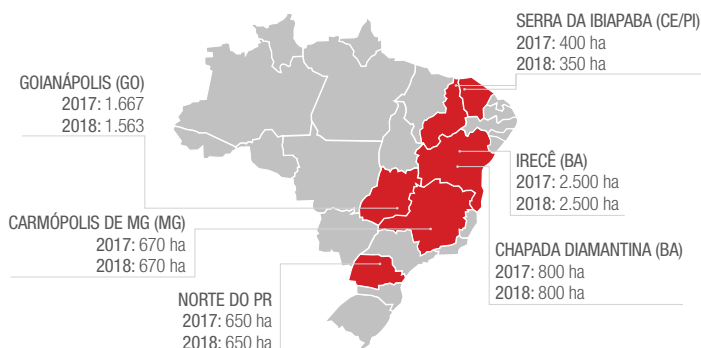
SAFRA DE INVERNO



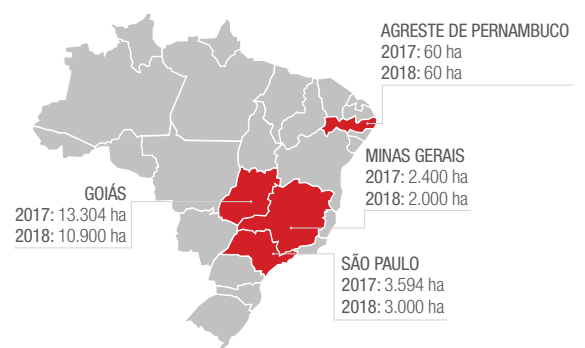
SAFRA DE VERÃO



SAFRA ANUAL



INDÚSTRIA



Obs: Principais regiões analisadas pelo Hortifruti/Cepea



Descapitalização limita investimentos na safra de verão 2018/19

Para a safra de verão 2018/19, a área deve se reduzir em 5,4%, devido, principalmente, aos resultados insatisfatórios do início da temporada anterior, que foi marcado pela baixa capitalização de tomaticultores. Quanto ao calendário de colheita, alguns produtores optaram por concentrar as atividades de campo nas roças tardias, pressionando a oferta no início de 2019. Apesar do cenário otimista neste ano, para a temporada 2019/20 não é esperado significativo aumento no cultivo com tomate, já que muitos produtores devem utilizar os lucros desta temporada para saldar dívidas de safras anteriores.

Safra de inverno 2018 tem produtividade recorde

A safra de inverno 2018 teve redução de 10,4% na área total frente à de 2017, devido aos baixos preços em temporadas anteriores, inadimplência no recebimento das vendas do tomate, dificuldade de crédito e altos custos de produção com a cultura – cálculos do Hortifruti/Cepea mostram que estão por volta de R\$ 100 mil por hectare. Porém, o incremento de 9% na produtividade fez com que a oferta fosse semelhante à safra de inverno passada, o que acabou gerando excesso de tomate entre junho e início de setembro. Pelo segundo ano seguido, a produtividade média da safra de inverno foi recorde, devido, principalmente, ao clima mais seco e quente, que reduziu a incidência de doenças, favorecendo o bom desenvolvimento das plantas e acelerando a maturação dos frutos. Além disso, a melhora contínua no manejo da cultura também vem contribuindo ano a ano para os ganhos de produtividade. Nos primeiros e nos últimos meses da safra de inverno, a oferta foi mais controlada, deixando as cotações em patamares rentáveis ao produtor. No balanço da temporada (março a setembro), a rentabilidade média foi de 5,4%. Porém, houve grande disparidade entre as regiões: aquelas que concentram a colheita no pico de safra tiveram prejuízos, como São José de Ubá (RJ), enquanto as que colhem no início ou na segunda parte da safra, como Sumaré (SP), fecharam com resultados melhores. Outros agricultores que tiveram produtividade alta ainda conseguiram diluir os custos unitários e ter uma margem positiva. Diante deste cenário, espera-se redução de 7% na área de inverno 2019.

Preço baixos reduzem área da safra anual

As cotações pouco remuneradoras em 2017 provocaram leve redução de 2,3% na área da safra anual de 2018. As regiões de Goianápolis (GO) e Serra da Ibiapaba (CE/PE) tiveram recuo de 6% e 13%, respectivamente, já que a rentabilidade do segundo semestre foi afetada pelos baixos preços, especialmente entre junho e setembro, e pelo aumento nos custos. Além dos insumos mais caros no decorrer do ano, a maior incidência de traça e larva-minadora, devido ao clima seco, elevou o número aplicações e, conseqüentemente, os gastos com a lavoura. Já na Chapada Diamantina (BA), apesar dos problemas hídricos, o cultivo de tomate é prioritário, de forma que não houve alterações no plantio. Com os preços do tomate se recuperando desde setembro de 2018, inclusive ficando acima dos custos, é esperada para 2019 recuperação dos 2,3% do recuo em área que houve em 2018.

Indústria deve manter área e estoques elevados em 2019

Para 2019, a expectativa é de manutenção na área de tomate para a indústria frente à área de 2018. Os estoques de polpa, que estavam elevados devido à alta produtividade em 2017, continuaram em níveis altos neste ano, que registrou produtividade recorde de, em média, 90 t/ha, de acordo com agentes do setor. Até mesmo em São Paulo, onde geralmente é um pouco menor, o rendimento foi expressivo. O transplantio se iniciou em março em São Paulo e Minas Gerais, ao invés de janeiro como em anos anteriores. Por decisão das indústrias, o adiamento ocorreu a fim de evitar intempéries climáticas. A colheita se iniciou em junho nos dois estados e também em Goiás, principal estado produtor de tomate industrial, e se concentrou entre julho e agosto, encerrando em novembro.

Elevada produção, estoques e dólar freiam importações

Os elevados estoques das indústrias processadoras, devido à boa produção em 2017 e 2018 e à alta no dólar, reduziram as importações de polpa de tomate 18% neste ano frente ao ano anterior. Entre janeiro e novembro, as aquisições do Chile, apesar de predominantes, recuaram 34% em relação ao mesmo período de 2017 (de 9,9 mil t/kg em 2017 para 15,06 mil t/kg em 2018), segundo a Secex. Da China, as compras caíram 38% (passando de 3,9 mil t/kg para 6,4 mil t/kg). Houve aumento da polpa importada dos Estados Unidos e da Itália, de 26% e 13%, respectivamente.



CITROS

☎ 19 99128-1144

📱 @revistahortifrutibrasil

RETROSPECTIVA 2018

Com a menor produção de laranjas em 2018/19, a necessidade de matéria-prima continuou elevada nas indústrias paulistas no decorrer de 2018. Contudo, apesar de positiva, a rentabilidade ao citricultor ainda deve ser limitada nesta temporada, devido à redução na produtividade. No mercado *in natura*, os preços da laranja estiveram em bons patamares, superando os de 2016 em quase todos os meses (ano em que a produção do cinturão citrícola também foi baixa). A lima ácida tahiti também registrou um período positivo, com preços firmes praticamente em todo o ano – no pico de safra, em fevereiro, as cotações foram sustentadas pelas exportações e pela boa demanda industrial.

A possível maior safra de laranja em 2019/20 não deve ter excesso de oferta, considerando-se a queda superior a 30% na produção de 2018/19 e os estoques de suco novamente críticos. Assim, a demanda industrial deve continuar aquecida na próxima temporada, equilibrando a oferta no mercado de mesa. As processadoras, inclusive, iniciaram as compras para 2019/20 com bastante antecedência, em outubro, oferecendo contratos ao redor de R\$ 22,00/cx de 40,8 kg – valor superior às primeiras propostas de compra de 2018/19. A safra tende a ser positiva, uma vez que além de os preços oferecidos serem positivos, o aumento da produtividade pode reduzir os custos e ambos os fatores impulsionarem a receita total.

PERSPECTIVA 2019

Destaques em 2018

Queda na produção em 2018/19*

-30,8%



* Em relação ao período anterior

Preço recorde nominal da tahiti do ano (outubro)

R\$ 75,66/cx



Recuperação prevista para a safra da FL em 2018/19

79 milhões de cxs



Queda prevista nos estoques em junho/19

-57,2%



Fonte: CitrusBR

ESTATÍSTICAS DE PRODUÇÃO

Fonte: Hortifru/Cepea

ÁREA



SÃO PAULO E TRIÂNGULO MINEIRO
2017/18: 402.566 ha
2018/19: 401.470 ha

Fonte: Fundecitrus

EXPORTAÇÕES DE SUCO DE LARANJA



VOLUME (toneladas, em equivalente concentrado)
2017/18: 514.028
2018/19: 375.8
Julho a novembro

RECEITA (em milhões de US\$)
2017/18: 917.872
2018/19: 714.24
Julho a novembro

Fonte: Secex

Obs: Confira a relação de municípios das regiões destacadas acima no link: <https://www.hfbrasil.org.br/precos>

Safra 2018/19 deve cair 30,8% frente à passada

A produção de laranja em São Paulo e no Triângulo Mineiro foi severamente impactada pelo clima em 2018/19: conforme relatório do Fundecitrus de dezembro, a safra atual deve recuar 30,8% em relação a 2017/18, totalizando apenas 275,75 milhões de caixas de 40,8 kg. No geral, a menor oferta se deu pela combinação dos efeitos adversos do clima – tanto no fim de 2017, durante o desenvolvimento das floradas da temporada atual, quanto no primeiro semestre de 2018, quando se reduziu a qualidade das frutas – e pela elevada demanda industrial. Nesse cenário, o movimento de alta nas cotações das frutas de mesa foi observado em praticamente todos os meses de 2018.

Apesar de preços firmes, baixa produtividade limita receita

Mesmo com preços médios firmes neste ano, a baixa produtividade deve limitar a rentabilidade da laranja em 2018/19, principalmente para produtores que negociam com a indústria. Isso ocorre porque o menor número de caixas produzidas por hectare tende a elevar o custo unitário. Apenas na região sudoeste paulista, onde a produtividade praticamente não se alterou, é que a receita pode se manter mais elevada. Vale lembrar que a maioria dos contratos com a indústria foi fechada no início de 2018 – assim, poucos produtores se beneficiaram das novas altas verificadas no correr da safra.

Estoque em 2018/19 deve ser o segundo menor desde 1988/89

Os estoques finais de suco de laranja da safra 2018/19 (em junho de 2019) devem ficar novamente baixos, conforme previu a CitrusBR em seu relatório de agosto – somando apenas 146,7 mil toneladas de suco. Essa quantidade é a segunda menor já registrada desde 1988/89 e deve ser suficiente para atender, no máximo, dois meses de embarque. O retorno dos estoques a volumes críticos se deve à menor safra do cinturão citrícola, podendo contribuir para manutenção de bons patamares de preços para o suco de laranja e para a matéria-prima em 2019/20.

Exportações de suco podem ser limitadas em 2018/19

Considerando-se o cenário de oferta restrita e a previsão de estoques de suco de laranja apertados no fim de 2018/19, as processadoras brasileiras podem reduzir os embarques da temporada atual, a fim de reter alguns volumes. Na parcial da safra (julho a novembro/18), o total embarcado, de 375,8 mil toneladas de suco em equivalente concentrado, é 27% infe-

rior ao do mesmo período de 2017/18, segundo a Secex. A retração, vale lembrar, também pode estar associada à expectativa de maior oferta nos Estados Unidos. Assim, há dúvidas sobre a estratégia das processadoras no decorrer da temporada, já que manter os envios poderia tornar o abastecimento totalmente dependente do volume produzido em 2019/20.

Produção da FL deve se recuperar em 2018/19

A temporada 2018/19 da Flórida deve ser mais favorável, conforme o relatório de novembro do USDA, podendo totalizar 77 milhões de caixas de 40,8 kg de laranja, volume 71,3% superior ao de 2017/18 (de 44,9 milhões de caixas, o menor desde 1944/45). O clima favorável ao desenvolvimento das laranjas, bem como os métodos mais adequados para a convivência com o *greening*, como melhor nutrição das plantas, são fatores que têm favorecido a recuperação do maior estado produtor de suco de laranja dos Estados Unidos. Vale ressaltar que o cenário favorável tem resultado em crescimento do número de pés novos de laranja na Flórida em 2018 – sendo um dos maiores dos últimos anos.

Cenário global ainda é de baixa oferta de suco

Ainda que as indústrias paulistas reduzam os embarques da *commodity* ao longo da temporada e que a maior oferta norte-americana em 2018/19 se confirme, os indicativos são de que a demanda por suco de laranja brasileiro continue aquecida em 2019/20. Isso porque, mesmo que o *greening* esteja mais controlado na Flórida, ainda se trata de um problema de longo prazo. Para a Europa, caso os embarques brasileiros sejam restritos em 2018/19, é provável que a demanda do continente seja firme na temporada seguinte.

Volume de tahiti pode ser maior em 2019

Após um ano de oferta controlada em 2018, as perspectivas para os primeiros meses de 2019 é de que os volumes de lima ácida tahiti se elevem em São Paulo, devido ao clima favorável ao desenvolvimento das floradas no segundo semestre. Assim, a disponibilidade da fruta deve se elevar entre dezembro e janeiro (mas ainda deve ser menor que a prevista inicialmente, tendo em vista a maior colheita de tahiti miúda entre outubro e novembro). Em 2018, além dos impactos do clima no desenvolvimento das frutas, as demandas industrial e externa foram firmes, o que sustentou os preços da fruta em patamares superiores aos de 2017 (exceto nos meses de março, julho, agosto e novembro/18).



BANANA

☎ 19 99128-1144

📱 @revistahortifrutibrasil

RETROSPECTIVA 2018

A área nacional de banana aumentou 1,4% em 2018, devido à boa rentabilidade do setor em anos anteriores e, principalmente, ao recente investimento em Delfinópolis (MG). Nesta praça, o acréscimo da produção (que ainda é pequena) está sendo influenciado pela boa disponibilidade de água e pela facilidade de transporte para os principais centros consumidores. Porém, como resultado, houve maior oferta da fruta em 2018 e, conseqüentemente, preços baixos – fazendo com que este ano fosse marcado pela descapitalização de parte dos bananicultores. Vale ressaltar que este cenário está atrelado, também, ao aumento do custo de produção (dólar e frete).

Para 2019, colaboradores do Hortifrut/Cepea esperam que os menores preços de 2018 impactem na produção – estima-se que a área nacional de banana se reduza em 1,1% ou até mais. O comportamento do clima também é essencial para definir perspectivas para o próximo ano, pois, enquanto o Norte de Minas Gerais enfrenta problemas relacionados à seca (mesmo com a chuva mais presente no começo de 2018), o Vale do Ribeira (SP) apresentou grande prejuízo com os vendavais no início de novembro. Quanto à qualidade das frutas para 2019, são esperados padrões inferiores devido ao atraso das adubações, que estiveram mais caras devido ao dólar.

PERSPECTIVA 2019

Destaques em 2018

Fonte: Hortifrut/Cepea

Aumento na área de Delfinópolis (MG)

+22%



* Em relação ao período anterior

Queda do preço da nanica no Vale do Ribeira no 1º semestre*

-30%



Preço da nanica maior que o da prata no Norte de Minas (agosto a outubro)

+20%



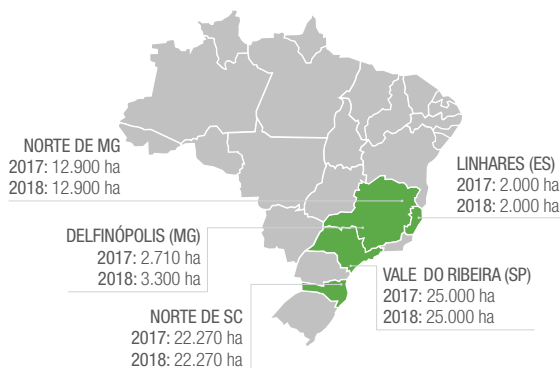
Preço da prata inferior ao custo no Norte de Minas no 2º semestre (até novembro)

-20%

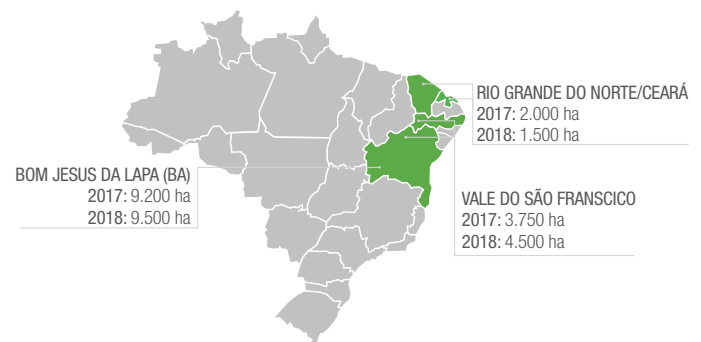


ESTATÍSTICAS DE PRODUÇÃO

SUL/SUDESTE



NORDESTE



Obs: Confira a relação de municípios das regiões destacadas acima no link: <https://www.hfbrasil.org.br/precos>

Obs 2: Principais regiões produtoras avaliadas pela Hortifrut/Cepea



Área nacional se recupera em 2018

A área brasileira de banana teve crescimento de 1,4% neste ano, devido à rentabilidade positiva de anos anteriores, que animaram novos investimentos no setor. Contudo, o aumento foi moderado pelos problemas climáticos que algumas regiões produtoras ainda enfrentam – enquanto a falta de água tem sido limitante para certas praças, existem aquelas em que a irrigação tem colaborado para os acréscimos na produção, como em Delfinópolis (MG) e Vale do São Francisco (PE/BA). As duas regiões registraram os maiores aumentos de área observado pelo Cepea em 2018 – 22% e 20%, respectivamente. Na praça mineira, essa ampliação está relacionada à boa disponibilidade de água e à boa logística, visto que tem proximidade com os principais centros de comercialização do Brasil. No Vale, apesar de a estiagem afetar a região, a elevada tecnologia e o sistema de irrigação têm permitido o crescimento da cultura.

Com menores preços, rentabilidade é limitada

Na parcial de 2018 (de janeiro a novembro), os preços da banana foram menores que os registrados no ano passado. Enquanto a nanica foi comercializada por valores 17% inferiores no Vale do Ribeira (SP), a prata foi vendida por cotações 16% menores no Norte de Minas Gerais no mesmo período. Vale ressaltar que estas quedas foram ainda maiores em momentos de intensificação da colheita de ambas as variedades. A nanica, por exemplo, se desvalorizou 30% no primeiro semestre frente ao mesmo período do ano passado. Com isso, a rentabilidade do setor foi limitada. De acordo com produtores, este resultado pode ser atribuído a fatores como: maior disponibilidade da fruta, fraca demanda e menor qualidade em alguns períodos. A maior oferta foi observada devido ao leve aumento de área e à produtividade nas principais regiões produtoras. A fraca demanda impactou nas vendas principalmente durante as férias escolares. Já a menor qualidade, veio especialmente, da diminuição ou do atraso da aplicação de fertilizantes (em função do aumento do custo). Além desses quesitos, a estiagem no Norte de Minas Gerais elevou a produção de prata “de segunda” no início do segundo semestre.

Aumento no preço de insumos limita desenvolvimento

O dólar em alta e o tabelamento do frete eleva-

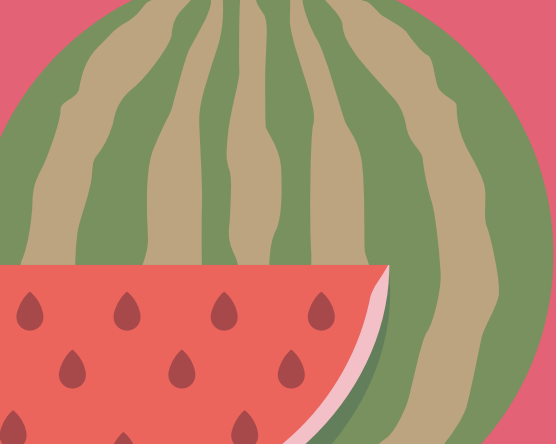
ram os preços dos insumos em 2018, especialmente dos fertilizantes. Como resultado, bananicultores adiaram as aquisições de insumos ou compraram menores quantidades, ações que limitaram o desenvolvimento das bananeiras, tornando seus frutos mais finos (característica pouco aceita pelos consumidores). Para o início de 2019, produtores ainda estão preocupados com a possibilidade de o aumento dos custos impactarem na qualidade – principalmente, aqueles do Sul e do Sudeste, visto que existe a possibilidade de maior volume de chuvas neste período, o que pode favorecer a incidência de doenças fúngicas nas roças, como a *sigatoka* amarela.

Preços da nanica superam os da prata

As cotações da banana nanica geralmente ultrapassam as da prata em outubro, o que tem ocorrido desde 2015 no Norte de Minas Gerais e no Vale do Ribeira (SP). Porém, essa diferença ocorreu mais cedo neste ano, em agosto. Isso porque, a partir desse mês, a nanica entrou em entressafra e a colheita da prata se intensificou. Na praça mineira, a nanica foi comercializada na média de R\$ 0,96/kg entre agosto e outubro, valor 20% superior ao da prata no mesmo período. Vale destacar que a banana prata normalmente é mais valorizada que a nanica no mercado interno, por conta de seu maior custo de produção e sua grande aceitação pelos consumidores.

Embarques ao Mercosul aumentam

As exportações de banana registraram elevação na parcial de 2018 (de janeiro a novembro), segundo a Secex (Secretaria de Comércio Exterior). Este acréscimo ocorreu, principalmente, para os países do Mercosul, em decorrência do aumento no volume nacional colhido e à menor oferta do Equador (principal exportador da fruta para o bloco). O maior consumidor da fruta brasileira foi o Uruguai – para onde foram enviadas 28,35 mil toneladas de banana, quantidade 53% superior à do ano passado. O segundo maior comprador foi a Argentina, que consumiu 22,26 mil toneladas da fruta, valor 59% superior na mesma comparação. Como a oferta de nanica deve voltar a aumentar entre 2018/19 no Norte de Santa Catarina, as exportações podem ter novo impulso, caso a fruta permaneça com boa qualidade.



MELANCIA

☎ 19 99128-1144

📱 @revistahortifrutibrasil

RETROSPECTIVA 2018

Para a maior parte das regiões acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea, a rentabilidade da melancia em 2018 foi positiva e, em alguns casos, superior à de 2017. Esse cenário está atrelado, sobretudo, à elevação dos preços neste ano, reflexo da menor área plantada com a cultura em boa parte das praças acompanhadas. Devido aos resultados poucos satisfatórios de safras anteriores, sejam margens restritas, adversidades climáticas, custos de produção elevados e/ou inadimplência de compradores, muitos produtores seguiram desanimados para realizar novos investimentos. Apenas em Uruana (GO) e no RN/CE não houve redução na área.

Produtores esperam rentabilidade positiva, já que devem diminuir os investimentos em área por mais um ano – apesar de ainda ser cedo para estimar, os bons resultados de 2018 não devem ser suficientes para incentivar novos plantios, apenas para mantê-los. Contudo, o clima durante a safra pode interferir na margem de melancicultores. A redução de área nacional deve ocorrer principalmente em função das adversidades climáticas, sobretudo a seca no Tocantins. Contudo, o resultado das temporadas de verão 2018/19 em São Paulo, Rio Grande do Sul e Bahia tendem a afetar fortemente os investimentos para a safrinha paulista e a temporada de verão 2019/20 nas duas outras praças.

PERSPECTIVA 2019

Destaques em 2018

Fonte: Hortifruti/Cepea

Redução na área de Teixeira de Freitas na safra 2017/18

-60%



Aumento dos custos no RS em 2017/18

+17,5%



Aumento na produtividade da safrinha paulista

+21%



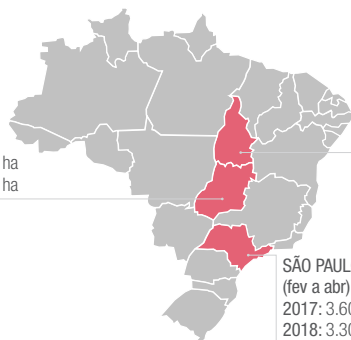
-18%
Queda da rentabilidade no TO em 2018



ESTATÍSTICAS DE PRODUÇÃO

SAFRAS 2017 E 2018

GOIÁS (abr a nov)
2017: 6.500 ha
2018: 6.500 ha



TOCANTINS (jul a set)
2017: 4.350 ha
2018: 3.950 ha

SÃO PAULO (safrinha) (fev a abr)
2017: 3.600 ha
2018: 3.300 ha

SAFRAS 2018 E 2019

RIO GRANDE DO NORTE/CEARÁ (ago a mar)
2017/18: 2.000 ha
2018/19: 2.000 ha

RIO GRANDE DO SUL (nov a abr)
2017/18: 7.230 ha
2018/19: 6.660 ha

TEIXEIRA DE FREITAS (BA) (out a abr)
2017/18: 1.600 ha
2018/19: 1.500 ha

SÃO PAULO (safra principal) (set a jan)
2017/18: 5.200 ha
2018/19: 4.600 ha

Obs: Confira a relação de municípios das regiões destacadas acima no link: <https://www.hfbrasil.org.br/precos>

Obs 2: Principais regiões produtoras avaliadas pela Hortifruti/Cepea



El Niño pode influenciar produtividade no RS

A influência do *El Niño* neste verão pode impactar a produção durante a safra 2018/19, segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea. Em Arroio dos Ratos e Encruzilhada do Sul, cujas lavouras estarão mais adiantadas no período, a alta umidade pode aumentar a incidência de doenças fúngicas, como antracnose, além de prejudicar a comercialização. Já para os melancultores de Bagé, a maior umidade pode favorecer a produtividade, uma vez que as plantações devem estar na fase de enchimento em janeiro e fevereiro/19. No RS, a temporada deve registrar ligeira redução de área, por conta das margens apertadas nas últimas safras.

Margens diminuem no TO em 2018

Produtores de melancia de Lagoa da Confusão e Formoso do Araguaia (TO) tiveram sua margem reduzida em 2018. Apesar de os preços terem ficado acima dos custos de produção, foram 6,8% inferiores aos de 2017. Além disso, as cotações mais elevadas foram registradas apenas no final da safra, em setembro, período de dificuldades em relação à produtividade e qualidade. O clima mais úmido no início da temporada (fim de junho) elevou a incidência de pragas e, no final, produtores tiveram problemas com a disponibilidade de água para irrigação, o que resultou em menor produtividade. Assim, em 2018, a rentabilidade unitária no Tocantins teve diminuição de 19% em relação à safra 2017, mantendo produtores desestimulados para novos investimentos.

Preços altos cobrem custos em GO

As cotações da melancia em Uruana (GO) estiveram maiores em 2018 frente às do ano anterior. Contudo, a receita ficou abaixo do esperado, segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea, visto que os maiores patamares foram registrados em momentos de oferta restrita e dificuldade de comercialização, como o período da greve dos caminhoneiros no final de maio. Além disso, durante o pico de safra, preços abaixo dos custos de produção chegaram a ser praticados. Assim, mesmo com valores médios de R\$ 0,69/kg para a melancia graúda (72% acima dos custos), as margens foram consideradas limitadas. Nesse contexto, os investimentos podem diminuir em 2019 em Goiás; entretanto, uma possível migração de melancultores do Tocantins para a região de Uruana pode manter o cenário estável na região.

Safrinha de SP tem bons resultados, mas safra principal tem limitações

Em 2018, melancultores do interior de São Paulo re-

gistraram bons resultados durante a safrinha (de março a abril). Mesmo com o aumento de gastos em todas as regiões produtoras do País, produtores paulistas tiveram menores custos unitários devido ao incremento de 21% na produtividade frente à de 2017 – houve chuvas em momentos favoráveis do ciclo, além de baixa incidência de pragas e doenças. Os preços também estiveram em bons patamares, já que houve menor oferta em Bagé (RS), Teixeira de Freitas (BA) e Uruana (GO) – que ofertam no mesmo período da safrinha paulista. Assim, o preço médio da melancia graúda (>12 kg) na safrinha foi de R\$ 0,59/kg, alta de 14% em relação à de 2017 e o dobro dos custos unitários. Assim, com melhor rentabilidade, algumas dívidas foram sanadas. Contudo, o cenário não é de alta capitalização, o que levou à redução de área na temporada principal 2018/19, que se iniciou em outubro e deve ser prorrogada até janeiro. Além disso, a previsão de oferta elevada em dezembro e janeiro, tanto na Bahia quanto no Rio Grande do Sul, pode pressionar as cotações em todo o País.

Clima e menor oferta nacional podem beneficiar safra na BA

Após uma temporada 2017/18 complicada, melancultores de Teixeira de Freitas (BA) esperam resultados melhores em 2018/19. Na safra atual, o clima mais seco durante o desenvolvimento das primeiras melancias resultou em baixa incidência de doenças fúngicas e altos níveis de produtividade, já que havia disponibilidade de água para irrigação. Mesmo com a maior oferta baiana, o volume nacional seguiu mais controlado no final de 2018 – devido à redução de área em outras regiões produtoras –, permitindo preços mais elevados. Em novembro, as cotações em Teixeira de Freitas estiveram, em média, a R\$ 0,73/kg, 111% superiores às de novembro/17. Assim, produtores estão mais animados nesta safra.

Atraso na safra espanhola prejudica exportações em 2018/19

Os embarques brasileiros de melancia na temporada 2018/19 se iniciaram em menor ritmo por conta do atraso da safra da Espanha, provocando acúmulo de frutas no mercado nacional. Na parcial da safra do Brasil (de agosto a novembro/2018), foram enviadas 40,7 mil toneladas de fruta, recuo de 13,7% em relação ao mesmo período de 2017, segundo a Secex. Apesar da queda inicial, colaboradores da Hortifruti/Cepea comentam que as negociações retornaram ao ritmo usual no correr dos meses; porém, não há expectativas quanto a um novo recorde de exportações, como ocorrido em 2017/18.



MAMÃO

☎ 19 99128-1144

📱 @revistahortifrutibrasil

RETROSPECTIVA 2018

A área de mamão teve recuperação de 3% em 2018, totalizando 12.995 hectares. O aumento foi influenciado pelos maiores interesse e investimento dos produtores pelo formosa, variedade que obteve retornos mais elevados nos últimos anos. Além disso, o formosa tem ganhado destaque nas exportações. Vale ressaltar, ainda, que a recente crise hídrica nas principais regiões produtoras resultou na saída de pequenos mamocultores e, com isso, apenas aqueles com irrigação ficaram no setor. A produção nacional de mamão se concentrou, também, em produtores tradicionais, mais resilientes e especializados na cultura.

Colaboradores do Hortifrut/Cepea esperam que a produção de mamão se mantenha no Brasil no próximo ano. Isso porque, mesmo com os bons retornos financeiros em 2018, eles ainda não devem ser suficientes para estimular novos investimentos na cultura, já que os produtores estiveram descapitalizados diante da baixa rentabilidade no ano passado. Assim, mamocultores devem apenas renovar a área e investir em tecnologia – cenário que, vinculado às consideráveis chuvas de 2018, pode favorecer a produtividade em 2019. A perspectiva de manutenção do elevado custo de produção pode seguir limitando a entrada de novos produtores.

PERSPECTIVA 2019

Destaques em 2018

Fonte: Hortifrut/Cepea

Recuperação da área

+3%



* Em relação ao período anterior

Queda na produtividade do formosa no Oeste da Bahia (janeiro a novembro)*



Aumento do preço do havaí no Norte do Espírito Santo (janeiro a novembro)*

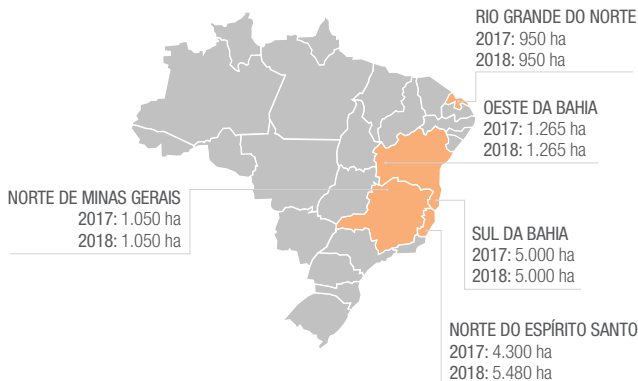


Preço do havaí superior ao custo no Sul da Bahia (janeiro a novembro)*



ESTATÍSTICAS DE PRODUÇÃO

SUDESTE E NORDESTE



+19%

Aumento da receita das exportações (janeiro a novembro)



RECEITA (milhões de US\$)
2017: 38,6
2018: 45,8

VOLUME (mil toneladas)
2017: 36,7
2018: 38,7

Fonte: Secex

Obs: Confira a relação de municípios das regiões destacadas acima no link: <https://www.hfbrasil.org.br/precos>

Enquanto área de formosa aumenta...

Os retornos financeiros mais constantes nos últimos anos estimularam a retomada de área e produção de mamão formosa no Norte do Espírito Santo em 2018. Dentre outros fatores que favorecem esse cenário, destaca-se que a variedade tem maior produtividade em relação ao havaí, o que acaba distribuindo o custo de produção, além de o formosa ter maior aceitação no mercado internacional. Neste ano, os resultados foram ainda mais positivos – os preços do formosa na praça capixaba subiram 45% na parcial do ano (de janeiro a novembro), fechando na média de R\$ 0,84/kg, valores 65% superiores aos custos de produção.

...de havaí recua em 2018

Em contrapartida, a área cultivada de mamão havaí se reduziu neste ano. Segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea, isso foi influenciado especialmente pelos resultados aquém dos esperados em 2017, quando a variedade teve rentabilidade negativa na maioria dos meses. Ainda no ano passado, os preços baixos não cobriram os elevados custos de produção da fruta. Assim, produtores de havaí preferiram não investir na variedade – muitos, inclusive, voltaram a produzir o formosa. Essa mudança já era esperada, visto que o formosa vem ganhando cada vez mais espaço nos mercados doméstico e externo. Por outro lado, neste ano, os resultados para o havaí têm sido positivos. A média foi de R\$ 1,23/kg no Sul da Bahia na parcial do ano (janeiro a novembro), 130% maior frente ao ano passado e 81% acima do custo de produção.

Com menor produtividade, preços sobem neste ano

Além da redução da área de havaí, a menor produtividade de ambas as variedades também impulsionou as cotações. De janeiro a novembro de 2018, na média nacional (com exceção do RN/CE), o formosa foi vendido por preços 37% superiores aos do mesmo período de 2017, enquanto as cotações do havaí estiveram 123% maiores na mesma comparação. Isso ocorreu porque, apesar das chuvas mais presentes em 2018, a seca, que afetou as principais regiões produtoras nos últimos anos, ainda prejudicou a produção da fruta. As precipitações em 2018 podem resultar em ganho de produtividade

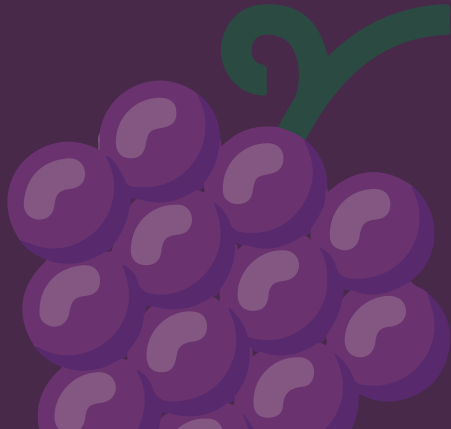
apenas em 2019 (dependendo das condições climáticas no próximo ano). Houve relatos, também, de que o menor volume disponível de mamão pode estar relacionado com a volta das viroses (mosaico e meleira) nas principais praças produtoras. Como essas doenças não têm cura, produtores precisam praticar o *roguing* nas lavouras (remoção das plantas infectadas).

Apesar do aumento nos custos e de fraca demanda, rentabilidade é positiva

De janeiro a novembro de 2018, a rentabilidade do mamão esteve positiva, mesmo com a demanda enfraquecida e o aumento do custo de produção. O cenário foi ainda mais favorável para o havaí, que registrou preço médio de R\$ 1,21/kg no Norte do Espírito Santo no período, valor 77% superior aos custos. Já o formosa foi comercializado a R\$ 0,84/kg na mesma praça, 65% maior na mesma comparação. Essa diferença está relacionada principalmente ao volume disponível das variedades – enquanto a oferta foi maior para o formosa, diminuiu para o havaí. Porém, mesmo com a rentabilidade positiva neste ano, os investimentos ainda devem ser contidos para o próximo ano pelos baixos preços em 2017, que descapitalizaram o setor.

Receita obtida com exportações é recorde

A receita obtida com os embarques de mamão registrou recorde no período de janeiro a novembro de 2018, de acordo com a Secex (Secretaria de Comércio Exterior). O total obtido, de US\$ 45,8 milhões, superou em 19% o verificado no mesmo período do ano passado e em 6% na comparação com os resultados recordes de 2014 – confirmando a valorização da fruta brasileira, que tem sido bem demandada no mercado internacional. Quanto ao volume, ficou um pouco acima do observado em 2017: considerando-se os mesmos 11 meses, 38,7 mil toneladas da fruta foram embarcadas, quantidade apenas 5% superior à do ano passado. De acordo com colaboradores do Hortifruti/Cepea, o total embarcado poderia ser ainda maior se não fosse a greve dos caminhoneiros na segunda quinzena de maio, que restringiu fortemente o carregamento de frutas para o exterior no período. Para o próximo ano, a perspectiva inicial é de manutenção das exportações, visto que a demanda da União Europeia (principal compradora da fruta brasileira) tem sido constante.



UVA

☎ 19 99128-1144

📱 @revistahortifrutibrasil

RETROSPECTIVA 2018

Com dificuldades na comercialização e baixas cotações, a safra de fim de ano 2017/18 (novembro/17 a maio/18) de niagara de São Paulo e Paraná foi marcada pela baixa rentabilidade, ficando aquém dos custos de produção em algumas semanas de abril a junho. Já a safra paulista de niagara (rústica) foi rentável durante toda a temporada, com valores fechando 31% acima dos custos de produção. No segundo semestre, a rústica teve alta rentabilidade em Pirapora, fechando 71% acima dos custos, resultado da baixa oferta no mercado, principalmente em função de problemas na produção de Jales (SP). Já para o Vale do São Francisco (PE/BA), o grande destaque foi para as uvas brancas sem semente e a BRS vitória, que garantiram boa capitalização aos viticultores.

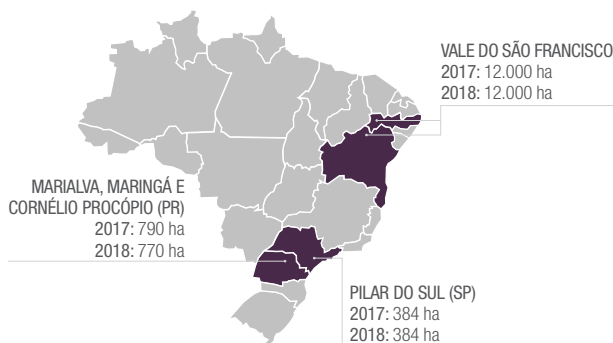
A temporada principal 2018/19 e a safrinha 2019 pode ter bons preços para as uvas finas e niagara, já que deve ter pouca oferta, devido aos problemas climáticos durante o desenvolvimento. No Vale do São Francisco, o leque varietal deve seguir expandindo, garantindo competitividade no mercado externo e aliviando a disponibilidade de uvas no comércio doméstico. Apesar disso, é esperado um crescimento um pouco mais tímido da área enxertada de BRS vitória e variedades patenteadas (como a *sugar crisp* e *sweet globe*), o que pode impulsionar a rentabilidade destas uvas. Em Pirapora (MG) e Jales (SP), a rentabilidade dos produtores deve seguir estimulando os investimentos e o crescimento da cultura.

PERSPECTIVA 2019

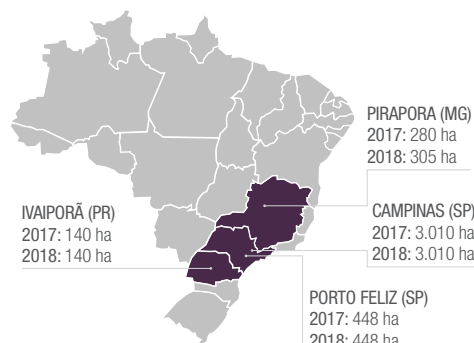
ESTATÍSTICAS DE PRODUÇÃO

Fonte: Hortifruti/Cepea

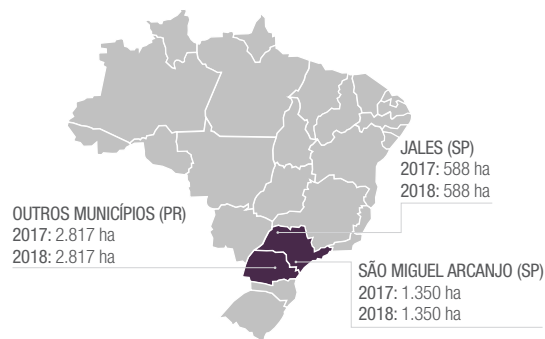
UVA FINA



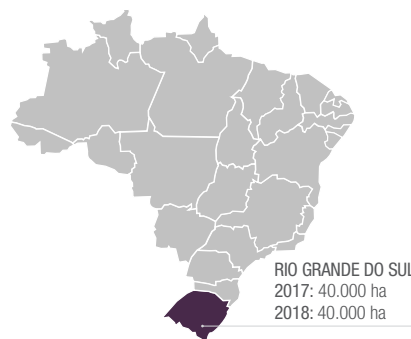
UVA NIAGARA



UVAS FINAS E NIAGARA



INDÚSTRIA



Obs: Confira a relação de municípios das regiões destacadas acima no link: <https://www.hfbrasil.org.br/precos>



BRS vitória segue ganhando espaço no Vale

Nas últimas safras do Vale do São Francisco, a expansão da área da BRS vitória, sem um rigoroso padrão de qualidade no campo, acabou limitando a rentabilidade da variedade. O manejo anteriormente pouco conhecido, a heterogeneidade na qualidade dos cachos e a alta oferta comprometeram a valorização desta uva e também seu envio para outros mercados. Porém, em 2018, houve aperfeiçoamento do manejo, resultando em melhor qualidade dos cachos e boa aceitação no mercado externo, principalmente para a União Europeia. Desta forma, a variedade teve desempenho satisfatório durante o ano no Vale, sendo comercializada por R\$ 6,00/kg, em média, na região (junho a novembro). A aposta do Hortifruti/Cepea é de que a área da BRS vitória continue crescendo aos poucos, chegando a 630 hectares enxertados no Vale do São Francisco em 2019.

Boa rentabilidade motiva plantios em Pirapora

Pirapora (MG) deve ser a única região a expandir a área com uva em 2019, devido à boa rentabilidade na temporada 2018. Produtores também devem investir em tratamentos culturais e tecnologia, como irrigação. O clima quente encurtou o período de colheita, garantindo bons preços principalmente nas últimas semanas da temporada, que se encerrou em novembro. Mesmo com produtividade semelhante à safra anterior – apenas 2,3% superior no balanço final –, os preços da uva niagara estiveram 6,26% maiores de agosto a novembro em comparação com o mesmo período do ano passado, ficando em R\$ 5,12/kg.

Clima e baixa produtividade impactam resultados no PR

Por conta da dificuldade de comercialização em 2018 e dos problemas com a qualidade dos cachos, a área de uva de mesa do Paraná deve ser menor em 2019, sobretudo com a redução de área nas regiões de Marialva e Cornélio Procopio, que enfrentaram intempéries climáticas durante a temporada. Na safra de final de ano, chuvas e ventos fortes comprometeram as podas entre junho e agosto/18, reduzindo o potencial produtivo do estado. Desta forma, os maiores preços esperados podem não compensar a quebra de produtividade.

Greve dos caminhoneiros e clima comprometem safra paulista

Neste ano, a safra principal de São Paulo foi comprometida pela greve dos caminhoneiros no fim de maio, que coincidiu com o pico de oferta de Campinas e Porto Feliz. Ain-

da assim, em Louveira/Indaiatuba, os preços estiveram 17% superiores entre dezembro e junho frente ao mesmo período do ano passado. Com clima frio e tempestades nas regiões de Pilar do Sul, São Miguel Arcanjo, Porto Feliz e Campinas, a oferta da safra principal paulista deve ser inferior do que em 2017. Com a menor produção esperada, as cotações podem ser mais atrativas aos produtores, principalmente para aqueles que conseguirem colher para as festividades de final de ano – com destaque para Pilar do Sul, que deve ofertar uvas de dezembro a maio de 2019 por conta do investimento em coberturas dos parreirais feitas nos últimos anos.

Resultados da BRS vitória e niagara seguem melhores que o das finas em Jales

Em 2018, houve aumento da área plantada das variedades de uva produzidas pela Embrapa na região de Jales (SP), por conta do clima satisfatório. A BRS vitória, que foi grande destaque nesta temporada, foi comercializada por R\$ 5,72/kg entre julho e a penúltima semana de novembro, garantindo boa capitalização aos produtores jalesenses. Somado a isso, a rentabilidade 42% positiva da niagara na safra (junho a novembro) deve seguir pressionando a área das variedades finas, como Itália, Benitaka e Brasil. Com isso, a BRS vitória e a niagara, que apresentam custos de produção inferiores às uvas finas, devem substituir áreas destas últimas em Jales. Em relação à produtividade na região, a niagara apresentou nesta safra (junho a novembro) queda de 6,1% no rendimento por hectare frente ao ano passado.

Exportações e importações de uva de mesa recuam em 2018

De janeiro a novembro de 2018, as exportações de uva de mesa foram 16,8% menores que no mesmo período do ano passado, somando 35,7 mil toneladas, conforme a Secex. Em receita, os envios totalizaram US\$ 76,8 milhões, baixa de 16,8% na mesma comparação. A princípio, esperavam-se embarques semelhantes aos de 2017, mas problemas com a qualidade restringiram as vendas no primeiro semestre, além da greve dos caminhoneiros, que atrasou o transporte e resultou em perda de alguns carregamentos a caminho dos portos. Além disso, a crise econômica na Argentina – grande compradora de uvas brasileiras em sua entressafra –, também comprometeu os envios, especialmente entre junho e setembro, período que a Argentina é um dos principais destinos da fruta brasileira. Quanto às importações, também caíram de janeiro a novembro frente ao ano passado, em 20%, somando 18,7 mil toneladas. Essa redução é reflexo dos preços um pouco mais competitivos no mercado interno frente a 2017, além do maior leque de variedades.



MANGA

☎ 19 99128-1144

📱 @revistahortifrutibrasil

RETROSPECTIVA 2018

A mangicultura brasileira se mostrou, por mais um ano, uma cultura bastante rentável. As vendas de manga, principalmente ao mercado externo, tiveram bom desempenho. Contudo, as margens foram bem mais apertadas em relação aos últimos dois anos em todas as praças, reflexo dos custos mais altos e dos menores preços em 2018. No geral, a oferta de manga foi mais elevada, tanto devido aos ganhos de produtividade em alguns períodos e regiões quanto ao aumento de área em anos recentes. Devido aos bons resultados financeiros em 2016 e 2017, novos plantios foram realizados em 2018 nas regiões do Vale do São Francisco (PE/BA) e no Norte de Minas Gerais.

Em 2019, os investimentos em novos plantios de manga devem continuar nas regiões de Petrolina/Juazeiro (PE/BA) e Norte de Minas Gerais, mas em ritmo menos intenso do que o observado em 2018, haja vista a grande área já plantada recentemente e que, inclusive, deve resultar em aumento da oferta em 2019 e nos anos seguintes. Neste cenário, a rentabilidade da cultura da manga pode ser mais apertada em 2019, ainda mais se não houver aumento proporcional das vendas, principalmente ao mercado externo, com foco na União Europeia – o plantio de mangas sem fibra (como palmer, keitt e kent), cujo principal destino é o bloco europeu, foi maior em relação à tommy.

PERSPECTIVA 2019

Destaques em 2018

Fonte: Hortifruti/Cepea

Aumento na área total*

6,93%



* Em relação ao período anterior

Preço da palmer no Vale abaixo dos de 2017

-27%



Aumento dos custos da palmer no Vale*

21%



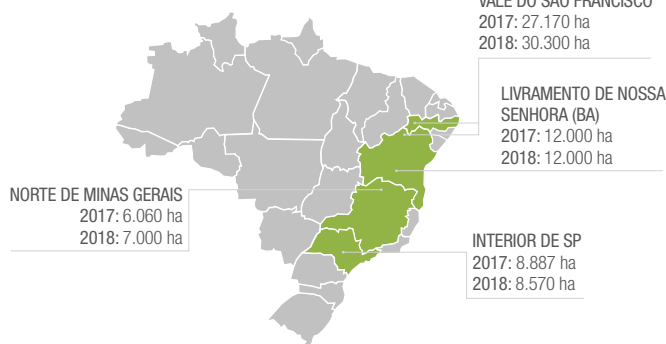
Queda na rentabilidade, mas continua positiva*

98%



ESTATÍSTICAS DE PRODUÇÃO

ÁREA 2017 E 2018



Fonte: Hortifruti/Cepea

Exportações (receita)



VOLUME (toneladas)
 2017: 163,9 mil t
 2018*: 149,4 mil t
 *Parcial até novembro

RECEITA (US\$)
 2017: US\$ 186 milhões
 2018*: US\$ 157 milhões
 *Parcial até novembro

Fonte: Secex

Obs: Confira a relação de municípios das regiões destacadas acima no link: <https://www.hfbrasil.org.br/precos>

Apesar de alta no custo e queda no preço, rentabilidade é positiva no Vale

O início da temporada 2018 de manga, em janeiro, foi marcado por cotações aquém do esperado, principalmente devido a problemas de qualidade, que limitaram as exportações do Vale do São Francisco (PE/BA) no período. Mesmo após a retomada dos envios, em março, os preços da fruta estiveram em patamares inferiores aos verificados em 2017 na maior parte do ano. Ainda que a valorização do dólar frente ao Real tenha sido favorável aos exportadores, não foi suficiente para compensar o aumento de gastos com insumos, que acabou afetando todos os produtores, inclusive aqueles que não exportam. Assim, o custo unitário de produção subiu 13% frente ao ano passado (considerando-se o período de janeiro a novembro), ficando, em média, a R\$ 0,65/kg para tomy e a R\$ 0,73/kg para palmer do Vale. Com o aumento dos custos de produção e a baixa nos preços da fruta, a rentabilidade neste ano ficou menor que em 2017, com cotações 76% acima dos custos para tomy e 73% para palmer de janeiro a novembro.

Falta de água segue reduzindo produção em Livramento

O longo período de seca tem afetado de forma significativa a produtividade dos pomares de manga em Livramento de Nossa Senhora (BA). A chamada irrigação de salvamento, de 12 horas semanais, segue com a única função de manter os pomares da região vivos, o que limita os resultados da frutificação. Por isso, ao longo do ano (até novembro), a produtividade média para tomy e palmer foi de 9,8t/ha, muito abaixo do que era registrado anos atrás, quando a falta de água não era um limitante – em 2011, a média do rendimento era de 17,4 t/ha. Como consequência da baixa produtividade, produtores baianos estão desestimulados para investir na cultura. Apesar disso, produtores dizem haver uma “luz no fim do túnel” – o índice de precipitações acima da média entre o fim de novembro e início de dezembro ainda é insuficiente para reabastecer o açude Brumado, mas bastou para encher os reservatórios das propriedades. Assim, parte dos mangicultores aposta em uma possível melhora para 2019. Contudo, em contraponto, há a ocorrência de *El Niño* no verão 2018/19 que, por sua vez, pode agravar a seca na região, limitando novamente os resultados em daqueles que não conseguirem armazenar água suficiente.

MG tem bom ano, mas investimentos podem recuar em 2019

Apesar de 2018 ter sido um bom ano para aqueles que apostaram na mangicultura em Jaíba/Jarnaúba (MG), a rentabilidade ficou mais estreita, devido aos preços mais baixos e aos custos mais elevados durante o ano. Os valores médios 88% acima dos custos para a palmer mantiveram os ânimos com a atividade. Os ganhos de produtividade têm sido determinantes para que a cultura continue dando bons resultados: de janeiro a novembro, colheu-se, em média, 25,8 t/ha na região, resultado similar ao obtido no Vale do São Francisco, principal polo produtor da fruta. No entanto, os investimentos devem ser mais contidos a partir do próximo ano, devido ao provável aumento da oferta, resultante da expansão da área nos últimos três anos.

Resultados em SP são limitados na safra 2017/18

Com problemas fitossanitários, os pomares de manga de São Paulo tiveram resultados aquém de sua capacidade produtiva na safra 2017/18. Em meio a um regime hídrico mais intenso em 2018, tanto pomares de tomy quanto de palmer foram infectados por bactérias e fungos. Assim, além da produtividade, a qualidade das frutas também foi comprometida. Para agravar a situação, a oferta concentrada de novembro/17 a janeiro/18 pressionou os valores. Na temporada 2018/19, os ânimos de produtores paulistas seguem limitados, não apenas pelos resultados das últimas safras, mas também pelas expectativas quanto à produção, já que floradas irregulares, principalmente de palmer, indicam que a produtividade em São Paulo pode ficar abaixo do potencial.

Envios estão firmes, mas não ultrapassam recorde de 2017

Por mais um ano, as exportações de manga estão registrando bom desempenho, mas não devem atingir o recorde de 2017. Segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), na parcial de janeiro a novembro, o volume dos envios ficou 9% abaixo dos registros do ano passado, totalizando receita de US\$ 157 milhões (preço *free on board*). Apesar do cenário relativamente positivo, produtores estão preocupados, visto que os recentes aumentos em área no Vale do São Francisco (PE/BA) e no Norte de Minas Gerais ocorreram, principalmente, com o intuito de atender à crescente demanda externa. Neste cenário, é importante que o setor siga investindo em qualidade para crescer nos destinos já consolidados, mas que também explore novos mercados, a exemplo da abertura do mercado da África do Sul, ocorrida em 2018.



MAÇÃ

☎ 19 99128-1144

📱 @revistahortifrutibrasil

RETROSPECTIVA 2018

A colheita de maçã da safra 2017/18 se encerrou nas últimas semanas de maio nas regiões mais quentes e, em meados de junho, nas mais frias. No total, foram produzidas cerca de 1,1 milhão de toneladas. As frutas da temporada 2017/18 apresentaram boa qualidade, porém, houve um maior número de maçãs acometidas pelo *russeting* (manchas escuras na casca). Vale destacar, ainda, que o cancro europeu, relatado nos últimos anos, tem sido controlado. Além disso, a safra 2017/18 foi caracterizada pela predominância de frutas miúdas, o que limitou a recuperação da rentabilidade frente a 2017. Em relação ao mercado internacional, o dólar valorizado favoreceu as exportações brasileiras, que já vinham apresentando tendência de alta no ano passado.

As atividades de campo da temporada 2018/19 devem começar para a gala no final de janeiro nas regiões mais quentes e, em fevereiro, nas mais frias. O inverno um pouco mais rigoroso em 2018 resultou em maior período de dormência e, conseqüentemente, em leve atraso na florada. Já o clima chuvoso em outubro prejudicou alguns pomares em relação ao “pegamento” da fruta. Com isso, caso as condições climáticas até o começo de 2019 não sejam favoráveis, a produção pode ser menor para a variedade. A fuji, por sua vez, deve apresentar maior volume, visto que os pomares podem se recuperar frente à quebra da última safra. Dessa forma, no geral, a expectativa para 2018/19 é de frutas com calibre médio e produção maior em relação à 2017/18.

PERSPECTIVA 2019

Destaques em 2018

Fonte: Hortifru/Cepea

Quebra de produção da fuji na safra 2017/18*

-20%



* Em relação ao período anterior

Aumento do preço da gala (janeiro a novembro)*

+22%



Preço da fuji graúda maior que o da miúda (até novembro)

-42%



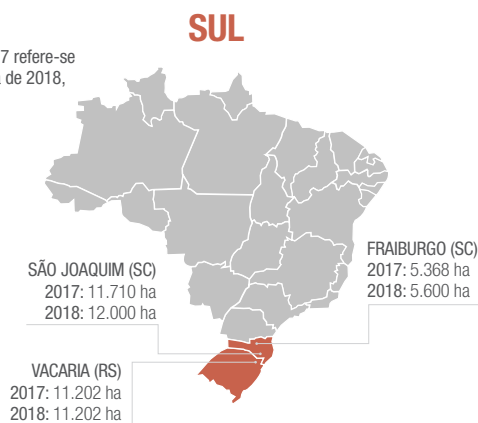
Porcentagem dos sucos destinados ao mercado interno

15%



ESTATÍSTICAS DE PRODUÇÃO

Nota: A área de 2017 refere-se à safra 2016/17 e, a de 2018, à 2017/18.



Fonte: Hortifru/Cepea

-US\$ 7,6 milhões

Balança comercial negativa (janeiro a novembro)



EXPORTAÇÃO (jan-nov)
 Volume: 70,9 mil t
 Receita: US\$ 52,4 milhões



IMPORTAÇÃO (jan-nov)
 Volume: 64,9 mil t
 Receita: US\$ 60 milhões

Fonte: Secex

Obs: Confira a relação de municípios das regiões destacadas acima no link: <https://www.hfbrasil.org.br/precos>

Área aumenta, mas produção recua na safra 2017/18

A área de maçã da safra 2017/18 foi maior em relação à anterior, principalmente nas regiões produtoras de Santa Catarina. Em Fraiburgo, houve ampliação de grandes empresas, as quais se organizaram após reduções de área nos últimos anos. Em São Joaquim, os incrementos de área se deram pela importância da maçã na economia local. Por outro lado, a produção da safra 2017/18 foi menor, finalizando em cerca de 1,1 milhão de toneladas, 200 mil t a menos que a passada, visto que a fuji, que apresenta uma produção de comportamento bianual, teve produção 15% a 20% menor em relação à “supersafra” de 2016/17. É importante ressaltar que para a temporada 2018/19 (considerando os três estados do Sul) a área deve se manter, visto que agentes do setor se encontram descapitalizados, devido à baixa rentabilidade dos últimos anos. Assim, não devem realizar novos investimentos.

Excesso de miúdas limita rentabilidade da 2017/18

A safra 2017/18 foi caracterizada pelo perfil miúdo das maçãs. O inverno pouco rigoroso em 2017 e a falta de chuvas após a florada resultaram em menor desenvolvimento das frutas. Por esse motivo, embora a quantidade de maçãs colhida tenha sido similar à da safra 2016/17, o volume total foi menor. No geral, os preços médios da gala de janeiro a novembro de 2018 foram 15% superiores aos custos. Apesar desse cenário, o setor não conseguiu se recuperar, devido à elevada quantidade de miúdas, que limitou a receita dos classificadores e produtores. A perspectiva para 2019 é de melhora das cotações, visto que o calibre das frutas deve ser mais graúdo, equilibrando as receitas.

Preço da fuji miúda fica 42% inferior ao da graúda

O preço médio da maçã fuji ao produtor na safra 2017/18 aumentou 28% de janeiro a novembro, sendo comercializada por R\$ 37,38/cx de 18 kg. A recuperação das cotações se deu, principalmente, por conta da quebra de safra da fuji, que contribuiu para que agentes do setor elevassem seus preços. No entanto, vale destacar que os preços das frutas graúdas foram superiores aos das miúdas – estas estiveram em maior quantidade no mercado e, portanto, atrapalharam na obtenção de receitas por agentes do setor. De maneira geral, a cotação das maçãs fuji miúdas foram

42% inferiores aos da graúda. Outra importante questão que tem influenciado os preços na safra 2017/18 é a qualidade de cada variedade. A gala se mostrou mais valorizada ao longo do ano, devido às melhores qualidade e à resistência pós-colheita. A fuji, por outro lado, apresentou alguns problemas de podridão carpelar, pressionando as cotações.

Exportação e importação andam em direções opostas em 2018

Em 2018, as vendas de maçãs ao mercado internacional foram maiores em relação a 2017. Mesmo com predominância de frutas miúdas, um maior volume foi destinado a países do Oriente Médio – principalmente Bangladesh – e europeus. Além disso, a abertura do mercado indiano e a retomada das vendas para Rússia foram fatores que contribuíram para o aumento das exportações. De acordo com a Secex, de janeiro a novembro, foram enviadas cerca de 70,9 mil toneladas, obtendo um valor de US\$ 52,4 milhões. Já quanto às importações, foram 6% menores frente ao mesmo período do ano passado, uma vez que a produção interna foi suficiente para suprir à demanda brasileira. Além disso, a alta do dólar tornou a fruta importada menos competitiva no mercado nacional. Dessa forma, de janeiro a novembro, as importações totalizaram 64,9 mil toneladas, representando um valor monetário de US\$ 60 milhões. Embora a balança comercial tenha se registrado negativa neste ano – US\$ 7,6 milhões negativos –, o saldo foi o menor dos últimos 5 anos. Isso indica tendência favorável ao Brasil no cenário internacional, que deve continuar em 2019.

Aumenta a venda de sucos ao mercado interno

Por conta do menor volume produzido e da melhor qualidade pós-colheita na safra 2017/18, a expectativa era de uma quantidade reduzida de maçãs destinada ao processamento. Cerca de 220 a 280 mil toneladas de maçãs foram recebidas pelas indústrias até novembro de 2018, segundo agentes consultados pelo Cepea – o que representa proporção similar aos demais anos, sendo de 20% a 25% do total da safra. Desse volume, 15% do suco produzido foi destinado ao mercado interno, o que mostra tendência de consumo saudável de alimentos, visto que há alguns anos apenas 5% era destinado ao mercado doméstico. Outros pontos importantes a serem destacados é que neste ano pequenos produtores aumentaram a oferta da fruta para a fabricação de sucos, houve boa competitividade no mercado internacional, por conta da desvalorização do Real e menor produção nos países do hemisfério Norte.



MELÃO

☎ 19 99128-1144

📱 @revistahortifrutibrasil

RETROSPECTIVA 2018

A área brasileira alocada ao cultivo de melão diminuiu neste ano, em decorrência, principalmente, do maior investimento em outros hortifrúts, também de ciclo curto, no Vale do São Francisco (PE/BA). Enquanto esse cenário elevou os preços da fruta no primeiro semestre, quando a rentabilidade do setor foi bastante positiva, a entrada da safra 2018/19 no Rio Grande do Norte/Ceará em agosto pressionou as cotações. Isso ocorreu porque a oferta de melão aumentou significativamente nessa praça, por conta da maior produtividade. Na temporada principal do Vale (abril a julho), o preço médio do amarelo foi 104% superior aos custos de produção estimados. Já na parcial da campanha do RN/CE (agosto a novembro), os valores de comercialização aumentaram 21% na mesma comparação.

Colaboradores do Hortifruti/Cepea esperam que a área de melão permaneça estável em 2019, já que a intenção de investimento na cultura segue baixa e apenas produtores mais tradicionais devem continuar no setor. Quanto à rentabilidade, melonicultores esperam rendimento positivo, porém, limitado. Enquanto no Vale do São Francisco (PE/BA), o uso de sementes inferiores (F2) pode afetar a qualidade da fruta, a rentabilidade no Rio Grande do Norte/Ceará pode ser impactada pela maior produtividade da atual temporada 2018/19, que pode pressionar as cotações. Vale ressaltar que a maior produtividade tem diluído os gastos nesta safra. Assim, o custo diminuiu, mesmo com o aumento dos preços dos insumos (alta do dólar e encarecimento do frete).

PERSPECTIVA 2019

Destaques em 2018

Fonte: Hortifruti/Cepea

Redução da área no Vale do São Francisco (PE/BA)*

-19%



* Em relação ao período anterior

Maior produtividade do amarelo no RN/CE (agosto a novembro)*

+26%



Queda no custo do amarelo no Vale (abril a julho)*

-20%



Preço do amarelo acima do custo no RN/CE (agosto a novembro)*

+21%



ESTATÍSTICAS DE PRODUÇÃO

NORDESTE



RIO GRANDE DO NORTE/CEARÁ
Safra 18/19: 12.300 ha
Safra 17/18: 12.545 ha

VALE DO SÃO FRANCISCO (BA/PE)
2018: 1.450 ha
2017: 1.800 ha

-32%
Reco na receita das exportações em 2018/19 (agosto a novembro)



Volume (mil t)
2018: 90 (ago-nov)
2017: 122 (ago-nov)

Receita (milhões de US\$)
2018: 62 (ago-nov)
2017: 91 (ago-nov)

Fonte: Hortifruti/Cepea

Fonte: Secex

Obs: Confira a relação de municípios das regiões destacadas acima no link: <https://www.hfbrasil.org.br/precos>

Área recua, mas produtividade aumenta na safra 2018/19

Ao contrário do esperado, a área alocada ao cultivo de melão no Rio Grande do Norte/Ceará deve diminuir 2% na temporada 2018/19, totalizando 12.300 hectares de média/alta tecnologia. Segundo colaboradores do Hortifrut/Cepea, apesar do bom desempenho da campanha 2017/18, uma das grandes empresas da região optou pela redução de área como estratégia de mercado. No geral, como a demanda pela fruta pouco cresce no mercado doméstico, a ideia é baixar a oferta para induzir melhores cotações. Contudo, a produtividade da região nordestina aumentou na parcial da safra, o que limitou os preços. Esse aumento está atrelado à boa ocorrência de chuvas no início de 2018 (fevereiro a maio). Como resultado, a disponibilidade e a qualidade da água aumentaram, favorecendo o cultivo do melão na praça potiguar/cearense. Na parcial desta safra (agosto a novembro), as condições climáticas e o controle eficiente da mosca-minadora também resultaram em melões de alta qualidade – a produtividade fechou em torno de 2145 caixas/hectare (alta de 26% frente ao mesmo período da safra 2017/18).

Vale enfrenta concorrência acirrada com RN/CE

A elevada oferta de melão do Rio Grande do Norte/Ceará têm limitado as cotações da fruta em todo o Brasil neste segundo semestre. Os produtores do Vale do São Francisco (PE/BA) são os mais prejudicados, visto que não têm conseguido escoar a produção aos principais centros consumidores (Sul e Sudeste). Há relatos de que as frutas potiguares/cearenses vêm sendo comercializadas, inclusive, no mercado nordestino, o que afetou também a venda a granel no Vale, modalidade geralmente responsável por assegurar bons preços à fruta desta praça. Na Ceagesp, atacadistas relatam dificuldades na comercialização, principalmente do amarelo, cuja disponibilidade está elevada – o estoque desta variedade aumentou ainda mais nos períodos de menor demanda, como agosto e setembro, quando o frio e as chuvas afetaram a comercialização de frutas na capital paulista. Assim, enquanto o amarelo dos tipos 6 e 7 se desvalorizou 4% no RN/CE entre agosto e novembro frente ao mesmo período de 2017, a variedade a granel do Vale foi comercializada por valores 12,5% inferiores na mesma comparação. Segundo produtores do Vale, as frutas potiguares/cearenses tinham preços mais competitivos no período.

Uso de sementes de menor qualidade aumenta no Vale

Em 2018, o uso de sementes de menor qualidade, como a F2, voltou a aumentar no Vale do São Francisco (PE/BA), especialmente no período da entressafra. Isso porque investimentos em outras culturas no primeiro semestre do ano descapitalizaram muitos melonicultores da região. Assim, para a entressafra, produtores optaram por cultivar sementes mais baratas, como forma de reduzir os custos de produção e obter um retorno financeiro mais rápido. Porém, o excesso de frutas da praça concorrente (RN/CE) pressionou as cotações no Vale, principalmente das frutas de menor qualidade, ou seja, para os agricultores que trabalharam com essas sementes. A área de melão da safra principal do Vale (abril a julho) diminuiu 29%, enquanto a da entressafra aumentou 13% neste ano. Como resultado, a área anual fechou com queda de 19%, ficando em 1.450 hectares.

Atraso na colheita da Espanha prejudica exportações brasileiras

Os embarques brasileiros de melão estão menores na temporada 2018/19. De acordo com a Secex, os envios totalizaram apenas 89,7 mil toneladas entre agosto e novembro/18, quantidade 27% inferior à do mesmo período da safra passada. A receita adquirida também foi 32% menor na mesma comparação, somando US\$ 62 milhões. O menor desempenho foi influenciado principalmente pelos primeiros meses das exportações brasileiras, que foram fortemente afetadas pelo atraso da colheita na Espanha, a maior fornecedora mundial de melão. Com isso, os embarques ao mercado externo, especialmente para a Europa (principal compradora da fruta brasileira), começaram com ritmo lento, e não se recuperaram até novembro. Houve relatos de que o aumento do frete marítimo também influenciou neste resultado, já que deixou a fruta brasileira com preço menos competitivo. Espanha, Reino Unido e Holanda, os maiores compradores do melão brasileiro, reduziram em 17%, 31% e 31%, respectivamente, o volume importado na parcial da safra 2018/19 (agosto a novembro). Vale destacar que a safra 2018 da Espanha também não foi muito favorável ao setor melonicultor, pois apesar de o atraso na colheita ter impulsionado os preços logo no início, o excesso de frutas disponíveis posteriormente resultou na baixa rentabilidade. Em Castilla-La Mancha, por exemplo, este resultado desanimou melonicultores a investir para o próximo ano, quando a área de 6.500 hectares pode reduzir 2.000 hectares.



Alion®

ESTAMOS HÁ

150*

DIAS TRABALHANDO SEM MATO

**CHEGOU O PRIMEIRO HERBICIDA
pré-emergente com residual prolongado.**

- ✓ Reduz pelo menos 1 aplicação
- ✓ Otimiza a mão de obra para outras atividades na lavoura
- ✓ Amplo espectro de ação contra plantas daninhas resistentes
- ✓ Reduz os custos com maquinário, água e combustível

Alion. A revolução da sua era.



Se é Bayer, é bom



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

**CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO.**



Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Uso exclusivamente agrícola

*Ensaio realizados por Bayer e Fito Desenvolvimento e Produção Ltda. para Azevém, Picaço Preto e Buva. Locais: São Joaquim/SC e Porto Feliz/SP.

www.agro.bayer.com.br

Soluções BASF para Batata.

Assist® EC
Break® Thru
Dash®

Controle Pré-emergente
Herbadox® 400 EC
Dessecação
Heat®

Alvo: Requeima
Acrobat® MZ
Forum®
Forum® Plus

Alvo: Alternaria
Cantus®
Caramba® 90
Orkestra® SC

Alvo: Requeima + Alternaria
Cabrio® Top

Alvo: Rhizoctonia (sulco)
Cabrio® Top

Alvo: Bactérias
Tutor®

Fungicidas Multissítios
Polyram® DF

ADJUVANTES

HERBICIDAS

FUNGICIDAS

INSETICIDAS



Tratamento de Sulco
Regent® 800 WG
Regent® Duo

Tratamento Foliar
Fastac® 100
Imunit®
Nomolt® 150
Pirate®
Verismo®

BASF HF – Produtos que contribuem para aumentar a qualidade e a produtividade da sua lavoura de Batata.

0800 0192 500

[facebook.com/BASF.AgroBrasil](https://www.facebook.com/BASF.AgroBrasil)

www.agro.basf.com.br

www.blogagrobasf.com.br

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO-AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO.



Uso exclusivamente agrícola. Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Incluir outros métodos de controle do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP), quando disponíveis e apropriados. Registro MAPA: Acrobat® MZ nº 02605, Cabrio® Top nº 01383, Cantus® nº 07503, Caramba® 90 nº 01601, Forum® nº 01395, Forum® Plus nº 03502, Orkestra® SC nº 08813, Polyram® DF nº 01603, Tutor® nº 02908, Imunit® nº 08806, Fastac® 100 nº 002793, Nomolt® 150 nº 01393, Pirate® nº 05898, Regent® 800 WG nº 005794, Regent® Duo nº 12411, Heat® nº 01013, Herbadox® 400 EC nº 015907, e Verismo® nº 18817.

BASF
We create chemistry

Quando chega o calor,
essa dupla se destaca.



Alface americana
LAUREL

- Elevada sanidade
- Cabeça compacta
- Ótimo padrão de mercado

Alface americana
ASTRA

- Alta sanidade foliar
- Cabeça compacta e pesada
- Indicada para processamento e mercado fresco

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

Mala Direta Postal

Básica

0000/2012 - DR/XXXXY

Cliente

...CORREIOS...

IMPRESSO

Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ

Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829

e-mail: hfcepea@usp.br



NOVA ESTUDO



Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

CONHEÇA OUTRAS VARIETADES DA NOSSA LINHA.



● Alface Americana **Diva**



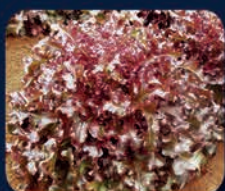
● Alface Crespa **Camila**



● Alface Lisa **Regina 500**



● Alface Mimosa **Imperial**



● Alface Mimosa **Imperial Roxa**



● Alface Roxa **Red Star**



CURTA NOSSAS REDES **SOCIAIS**
AGRISTAR DO BRASIL

19 3514-7330
www.agristar.com.br



TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429.8808 Fax: (19) 3429.8829
E-mail: hfcepa@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil